



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO – CIÊNCIAS AGRÁRIAS**

TAINARA FONSECA SILVA

**AGROECOLOGIA INSERIDA EM UMA ESCOLA DO CAMPO: DIÁLOGOS A
PARTIR DA AGROFLORESTA NO SERTÃO**

**AMARGOSA - BA
2022**

TAINARA FONSECA SILVA

**AGROECOLOGIA INSERIDA EM UMA ESCOLA DO CAMPO: DIÁLOGOS A
PARTIR DA AGROFLORESTA NO SERTÃO**

Monografia apresentada ao Colegiado da Licenciatura em Educação do Campo – Ciências Agrárias da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia no Centro de Formação de Professores, como requisito para obtenção do grau de Licenciado em Educação do Campo – Ciências Agrárias.

Orientador: FRANKLIN PLESSMANN DE CARVALHO

Prof.

**AMARGOSA - BA
2022**

Ficha Catalográfica:

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO – CIÊNCIAS AGRÁRIAS**

COMISSÃO PARECERISTA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE
TAINARA FONSECA SILVA.

FRANKLIN PLESSMANN DE CARVALHO - ORIENTADOR

LANNA CECÍLIA LIMA DE OLIVEIRA

NAIARA CÉLIDA DOS SANTOS DE SOUZA

TCC HOMOLOGADO PELO COLEGIADO DO CURSO LICENCIATURA EM
EDUCAÇÃO DO CAMPO – CIÊNCIAS AGRÁRIAS, CONFERINDO O TÍTULO DE
LICENCIADA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO – CIÊNCIAS AGRÁRIAS A TAINARA
FONSECA SILVA.

APROVADO EM

Aos meus familiares, em especial meus pais Marenice e Helio, a minha avó Maria e meu tio José.

AGRADECIMENTO(S)

Quero agradecer ao Criador Supremo, por me manter de pé e com ânimo para não desistir e continuar a minha caminhada, tu és a minha fortaleza e sempre serás.

Agradecer a minha família, minha mãe Marenice por todo o apoio, carinho e atenção, a senhora é minha inspiração; a meu pai Helio que sempre esteve ao meu lado, me apoiando em todos os momentos e durante as minhas escolhas, o senhor sempre será meu espelho. a minha avó Maria, por todo o amor, carinho e apoio que significam muito para mim; a meu tio José, por estar sempre preocupado comigo e me apoiando.

Aos meus amigos (as), em especial meu trevo pela força e incentivo, vocês sempre terão um lugar no meu coração, tenham certeza de que nunca irei esquecê-las. E aos meus ex colegas da Escola Agrícola e o pessoal da comunidade por terem contribuído na minha pesquisa com tanta boa vontade. Ao meu parceiro de todas as horas por todo incentivo e ajuda na reta final deste trabalho, você foi uma luz no meu caminho cara.

Agradecer ao meu orientador Franklin, por todo apoio e pelas injeções de ânimo que significaram muito para mim, te agradeço imensamente.

Gratidão a todos!

*“Quem ensina aprende ao ensinar e
quem aprende ensina ao aprender”*

(Paulo Freire)

RESUMO

Este estudo objetivou analisar as percepções dos educandos da Escola Família Agrícola Mãe Jovina e interlocutores da comunidade Morro das Flores em relação a implantação do Projeto Agrofloresta no Sertão. Os sistemas agroflorestais foram implantados em áreas degradadas, tanto na escola como em localidades de referências para as famílias dos educandos da EFA Mãe Jovina. Busco analisar alguns aspectos na implantação do projeto, tanto na área da escola, como na área das localidades de referência das famílias através das narrativas de pessoas que acompanharam a implantação do projeto na Escola e na localidade de Morro das Flores.

Palavras-Chave: Sistemas Agroflorestais; Escola Família Agrícola; Educação do Campo; Agroecologia; Diálogo de Saberes

ABSTRACT

This study aimed to analyze the perceptions of students from Escola Família Agrícola Mãe Jovina and interlocutors from the Morro das Flores community regarding the implementation of the Agroforest Project in the Sertão. Agroforestry systems were implemented in degraded areas, both at school and in reference locations for the families of EFA Mãe Jovina students. I seek to analyze some aspects in the implementation of the project, both in the school area and in the area of reference locations for families through the narratives of people who accompanied the implementation of the project at the School and in the locality of Morro das Flores.

Keywords: Agroforestry Systems; Agricultural Family School; Field Education; Agroecology; Knowledge Dialogue

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FOTOGRAFIA 1: APRESENTAÇÃO DO SAFS NA FEIRA DE CONHECIMENTOS	57
FOTOGRAFIA 2: PODA DAS ÁRVORES NATIVAS DO ESPAÇO.....	57
FOTOGRAFIA 3: VISITA NA ÁREA DA FAMÍLIA BENEFICIADA	58
FOTOGRAFIA 4: VISITA NA CASA DA FAMÍLIA BENEFICIADA	59
FOTOGRAFIA 5: SITUAÇÃO ATUAL DOS SAFS	61
FOTOGRAFIA 6: BIODIVERSIDADE NOS SAFS.....	61

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

EFA	ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA
EFAMJ	ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA MÃE JOVINA
EMBRAPA	EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA
ISPN	INSTITUTO SOCIEDADE, POPULAÇÃO E NATUREZA
LEDOC	LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO- CIÊNCIAS AGRÁRIAS
PPPECOS	PROGRAMA DE PEQUENOS PROJETOS ECOSSOCIAIS
REFAISA	REDE DAS ESCOLAS FAMÍLIAS AGRÍCOLAS INTEGRADAS DO SEMIARIDO
SAFs	SISTEMAS AGROFLORESTAIS

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO I: CAMINHOS CONSTRUÍDOS: TRAJETÓRIA, PERTENCIMENTO, DESAFIOS E ESCOLHAS METODOLÓGICAS.....	16
CAPÍTULO II: DIÁLOGOS DE SABERES ACERCA DO PROJETO AGROFLORESTA NO SERTÃO.....	24
A implantação do Projeto na EFA Mãe Jovina.....	24
A implantação do projeto em Morro das Flores	38
CONSIDERAÇÕES FINAIS	50
REFERÊNCIAS.....	55
APÊNDICES.....	56

INTRODUÇÃO

O anseio em divulgar uma experiência de implantação de uma Agrofloresta no Sertão brasileiro, fortalecendo a qualidade de vida no sertão nordestino, desencadeou a elaboração pesquisa. Este trabalho também é provocado a se alinhar a uma prática científica que incorpora uma forte crítica à colonização de conhecimentos. Esta crítica não é nova, e tem seu embasamento nas várias mobilizações que ocorreram no século XX no qual vários povos em todo mundo reagiram a dominação capitalista. Movimentos anticolonialistas na África e Ásia, o movimento negro nas Américas, a luta do movimento indígena e camponês, bem como dos trabalhadores urbanos provocaram a ciência a incorporar novos temas, novas abordagens e metodologias. Estas manifestações se intensificam no contexto atual, na qual a busca por direitos incorpora o acesso a uma educação contextualizada e de boa qualidade. Assim compreendo que a formação de professores não deve se limitar apenas em disponibilizar os conhecimentos previamente estabelecidos pelo curso e sim instigar o futuro educador a prática reflexiva da realidade e de transformação do meio através da sua capacidade de análise crítica.

O processo de transição para uma educação mais inclusiva, contextualizada e descolonizadora tem permitido a experimentação de novas práticas educativas, tanto em ambientes escolares como em ambientes não escolares. As metodologias que se orientavam basicamente pela difusão de conhecimentos acadêmicos/técnicos são confrontadas por metodologias que valorizam conhecimentos tradicionais, populares e militantes. Vários arranjos educativos são implementados por escolas formais e por instituições de extensão rural. Estas experiências precisam ser cada vez mais sistematizadas e analisadas, para que se possa refletir as potencialidades e limites de cada arranjo educativo.

A Educação do Campo surgiu a partir das lutas dos trabalhadores e trabalhadoras do Campo com um intuito de ofertar uma educação gratuita e de qualidade para a classe trabalhadora do campo, no qual o ensino é voltado para a realidade dos povos sem dispensar o conhecimento científico produzido historicamente pela humanidade. Segundo Caldart (2012, p.257), “A Educação do Campo nomeia um fenômeno da realidade brasileira atual, protagonizado pelos trabalhadores do campo e suas organizações...”

Esta pesquisa se insere no contexto de sistematização de experiências pedagógicas relacionadas ao Projeto Agrofloresta no Sertão desenvolvido no âmbito da Escola Família Agrícola Mãe Jovina. Penso ser de fundamental importância compreender os processos educativos que estão sendo realizados na execução de projetos técnicos em comunidades que se relacionam com a EFA Mãe Jovina, observando como que o diálogo de conhecimentos está realmente sendo incorporado pelas práticas organizativas.

Por haver poucos trabalhos relacionados à EFA Mãe Jovina, busco com esta pesquisa incentivar novos pesquisadores a realizarem processos de pesquisa relacionados às experiências desenvolvidas pela EFA. Pensando em trazer visibilidade para um espaço que proporciona aos educandos uma educação de qualidade, contextualizada e libertadora. Instigando os discentes a conhecerem a sua realidade e serem protagonistas da sua própria história.

Esta pesquisa teve por objetivo geral, analisar as práticas educativas utilizadas nas atividades do Projeto Agrofloresta no Sertão. Já nos objetivos específicos buscou-se refletir categorias utilizadas na Educação do Campo e Agroecologia que são utilizadas pelos discentes; problematizar as contribuições do Projeto Agrofloresta no Sertão a partir da visão dos (as) discentes e da comunidade e analisar a auto-organização na execução das atividades do Projeto Agrofloresta no Sertão.

O trabalho pesquisa que deu base para esta monografia teve como orientação sistematizar as percepções de discentes da EFA Mãe Jovina e de pessoas da comunidade de Morro das Flores sobre os processos educativos relacionados ao Projeto Agrofloresta no Sertão. A ideia foi realizar entrevistas coletivas e individuais com pessoas que acompanharam o referido projeto. A análise das narrativas foi base para avaliar tanto como as práticas educativas são objeto de atenção, como qualificar e quantificar estas práticas. Minha memória também foi base de dados para as reflexões, uma vez que participei da implantação do projeto.

Realizei uma revisão bibliográfica buscando me inserir no debate relacionado à descolonização de conhecimentos, a formulação de pedagogias mais horizontais e libertárias, bem como uma discussão crítica das metodologias de extensão rural e SAFs (Sistemas Agroflorestais). Essa leitura também impactou, em alguns aspectos, no desenvolvendo a minha escrita.

Este trabalho está organizado em dois capítulos. No primeiro descrevo a minha trajetória e busco identificar, nas minhas escolhas, a identificação com o modo de viver

no campo e minha dedicação com os campos da agroecologia e da educação do campo. Busco também mostrar como me interesso por sistemas agroflorestais. Já no segundo capítulo irei apresentar as narrativas dos interlocutores desta pesquisa sobre a implantação do projeto Agrofloresta do Sertão. Primeiro analiso a implantação do projeto em uma área degradada na Escola Família Agrícola Mãe Jovina em Ruy Barbosa, depois analiso a implantação em Morro das Flores.

CAPÍTULO I: CAMINHOS CONSTRUÍDOS: TRAJETÓRIA, PERTENCIMENTO, DESAFIOS E ESCOLHAS METODOLÓGICAS

Tainara foi o nome que a mim foi dado. Sou mulher, preta, agricultora, professora e ativista pela causa ambiental. Sou Técnica em Agropecuária e graduanda no curso de Educação do Campo - Ciências Agrárias. Também sou filha de agricultores, Marenice e Hélio, e neta de agricultores Saturnina, Henrique, Maria e Roberto. Desde a minha infância tive contato com a terra, e digo mais, meu contato começou no ventre da minha mãe, pois apesar de ter uma gravidez com complicações ela continuou na “labuta” da roça e mesmo no dia do meu nascimento, horas antes plantou feijão, durante quase o dia todo. Eu diria que não escolhi a agricultura, ela mesma que me fez o chamado desde o ventre da minha mãe, e isso explica a minha paixão pela prática agrícola. Isso para dizer que esse sentimento de pertencimento que eu trago comigo foi sendo construído desde que nasci, reafirmando as escolhas que faço em praticar a agricultura no meu cotidiano. Apesar de ser recorrente em minha trajetória encontrar pessoas que percebem a vida na roça como algo atrasado, para mim sempre foi uma questão de orgulho ser do campo, viver no campo e é por isso que eu quis continuar os meus estudos nessa área. Quando eu estou trabalhando com o solo, quando eu estou podando as árvores ou fazendo plantio, me sinto livre e tenho esse sentimento de poder fazer as coisas que eu gosto, da forma que eu gosto e no lugar em que eu estou inserida. Me sinto bem e realizada. Ao trabalhar com agricultura passei a perceber a natureza como parte da minha casa e esse sentimento de pertencimento vem desde a infância e continua crescendo até hoje.

Desde pequena, quando toda família se reunia para plantar e colher, lá estava eu contribuindo do meu jeito e, apesar da pouca idade, queria trabalhar feito “gente grande”. Eram dias e dias de plantio durante o período chuvoso, as “trovoadas”. Uma alegria ao cuidar daquela terra e semeá-la com os grãos, sementes que durante anos foram selecionadas, reproduzidas e armazenadas por pessoas que percebiam a importância das nossas sementes para a segurança alimentar de nossa comunidade. Hoje denomino estas pessoas como guardiões de sementes.

Foi observando a forma em que meus pais cuidavam do solo e o manejavam que me despertou o desejo de experimentar fazer as mesmas coisas, mas buscar aprimorá-las. Foi fazendo o plantio e a colheita, olhando a forma em que eles trabalhavam na terra para plantar, cobrir as covas de milho, feijão e outras sementes que eram plantadas naquela época, que fui adquirindo conhecimentos. Fui aprendendo

não só com a observação, mas meus pais também me explicavam bastante a forma de plantar, quantos grãos colocar em uma cova, o tempo em que durava os ciclos e o que precisava ser feito para a planta crescer forte. O diálogo e a observação se complementavam e me formavam naquele momento. Como toda família sempre trabalhou com a prática no campo da agricultura, eram diversos saberes compartilhados entre gerações distintas. Era uma rede de relações em que o tio compartilhava saberes com o/a sobrinho/a, avó com neto e filho, e assim por diante. Era uma mistura em que nós aprendíamos juntos. E juntos, no cotidiano, buscamos estar melhorando a forma de plantar, colher e manejar as plantas. Na época dos meus avós eles plantavam bastante café e também o milho, o feijão e tinham a questão de plantio de frutíferas diversas como goiaba, manga, abacate, jaca e várias outras que davam sustento para família. Também as frutas eram utilizadas como trocas entre as famílias, quando um tinha algo e o outro não tinha faziam essa troca ou comercializavam, mas basicamente era feita a troca com a intenção de um ajudar o outro.

Tínhamos duas áreas de terra, uma com aproximadamente 40 tarefas e a outra com 120 tarefas. Nunca foram grandes extensões, sempre uma área que dava para plantar, mas, também era aquele cultivo que servia mais para o abastecimento alimentar e o excedente era vendido, gerando uma renda para manter as necessidades da família. Não era uma terra grande comparada com a quantidade de familiares, já que as terras que eram do meu avô foram divididas e cada um dos herdeiros ficou com um pedaço. Comparado às necessidades de várias pessoas da comunidade, que não tinham nenhuma tarefa de terra se quer para plantar, a nossa terra proporcionava uma boa produção, tanto para agricultura quanto para a pecuária. A junção das atividades agrícolas e pecuárias nos proporcionava uma segurança econômica, representada pelos alimentos produzidos e pela renda obtida.

A qualidade de solo sempre foi uma preocupação para todos na comunidade, principalmente no aspecto da fertilidade. Tínhamos a preocupação de fazer a rotação de culturas e trocar as áreas para que a terra não ficasse cansada, fazendo a diversificação com policultivos em que eram plantadas diversas espécies de ciclos diferentes para que a produção fosse diversificada e a terra fosse aproveitada e não esgotada com uma cultura apenas. Apesar de não terem o conhecimento acadêmico, as pessoas da nossa comunidade tinham o conhecimento do saber popular e tradicional, aquele saber em que era passado, experimentado e aprimorado de

geração para geração. Com a observação ao longo do tempo eles percebiam quando o solo não estava tão fértil e precisava de um tempo para descansar e aplicavam-se métodos como o revolvimento do solo, adubação e rotação de culturas, que contribuíam para sua recuperação. E apesar de fazer queimadas em certas situações, buscavam estar recompensando prováveis danos desta prática, e além de descansar a terra, introduziam espécies diversificadas para fazer uma recuperação. Mas não tinham a dimensão de quanto era prejudicial fazer uma queimada em um solo.

Para além das questões de preservação e recuperação do solo, se preocupavam também com a fauna do local, que teria o seu papel na natureza. Costumes como o da caça, o meu pai foi diminuindo e hoje em dia no nosso terreno a gente não tem mais a prática da caça e também não aceitamos que outras pessoas adentrem para matar os animais.

No manejo da terra além de utilizar a mão de obra familiar também era muito comum os vizinhos se juntarem para fazer o famoso dia de mutirão, onde uma pessoa que era a dona da terra entrava com a comida para alimentar as pessoas que dedicavam sua mão de obra para realização de uma atividade. Todo mundo trabalhava durante todo o dia e depois continuavam o trabalho no próximo dia de mutirão, sendo que durante uma atividade já escolhiam o terreno de outra pessoa que seria atendida futuramente. As atividades de um mutirão eram difíceis de serem realizadas por uma família apenas, e a colaboração era imprescindível.

Destaco um espírito de cooperação em que as pessoas se ajudavam e compartilhavam com os seus colegas os frutos que eram obtidos através da produção em conjunto, mesmo que houvesse uma divisão familiar na distribuição destes produtos. Algumas pessoas da comunidade continuam com essa cultura de partilha e cooperação, e minha família conta com os vizinhos para ajudar tanto em atividades de plantar quanto para colher, assim a gente partilha os frutos do trabalho e ao mesmo realizamos a venda. Compartilhar alimentos com os nossos vizinhos, com os nossos amigos e parentes faz parte da nossa sociabilidade.

Durante toda a infância, adolescência e juventude fui vivenciando esse processo eu fui aprendendo a cuidar, manejar e cultivar o solo, e esse período foi fundamental para a minha formação humana. E foi por meio dessa minha afinidade com o manejo do agroecossistema que um sonho nasceu em meu coração, ingressar na Escola Família Agrícola Mãe Jovina (EFAMJ). Apesar de não conhecer a instituição pessoalmente, os comentários sobre a educação diferenciada e contextualizada me

chamaram a atenção. Estava na sexta série quando eu resolvi entrar na EFAMJ e eu não sabia o que me esperava. Na verdade, eu não conhecia como realmente era a experiência de estudar em uma escola família agrícola (EFA), e mesmo sem muitas informações eu decidi dar crédito para minha intuição e ingressei na instituição.

Eu soube da escola através de relatos de alguns familiares e pessoas da cidade que tinham visitado a EFAMJ há algum tempo. A partir desses relatos eu fui me afeiçoando a ideia de ingressar em uma escola com educação em regime de alternância. Foi um desafio enorme, pois eu nunca havia saído da minha localidade para estudar, pois sempre estudei na escola Raquel Falcão Lima, próxima da casa dos meus pais, desde a pré-escola até o ensino fundamental. Foi desafiador ter que me deslocar para a cidade para continuar os estudos. E talvez um dos maiores desafios fosse ter que conviver com muitas pessoas em um espaço no qual tinha que compartilhar tanto os momentos de aulas quanto das demais instalações da escola, como os espaços de refeições, o quarto coletivo. Imagina uma menina, filha única com sua privacidade ter que conviver com mais 13 mulheres em um quarto, compartilhando o banheiro e tendo que se acostumar a dividir o espaço? A adaptação não foi nem um pouco fácil, mas minha intuição me mantinha confiante que estava num caminho certo.

Foi no ano de 2013 que ingressei na Escola Família Agrícola Mãe Jovina, que se localiza no município de Ruy Barbosa. A escola está localizada numa parte da chapada Diamantina com predominância do bioma caatinga e clima semiárido. A escola tem como referência a pedagogia da alternância, que busca interligar escola, família e comunidade para que juntos possam contribuir com o processo de formação dos jovens durante seu percurso na instituição.

Essa interligação é um grande desafio. A princípio a escola deve estar atenta às demandas das comunidades, que são problematizadas para que educando busque relacionar o contexto social com os embasamentos teóricos que são apresentados na escola. Outro desafio é contribuir com a comunidade através do que foi aprendido na escola.

Na escola passei a buscar alternativas para facilitar a vida dos meus pais no trabalho agrícola. Durante a permanência na EFAMJ pude visitar experiências de convivência com o semiárido e aprender na prática durante as atividades na escola. Os meios e alternativas para facilitar a vida das famílias do campo nos trabalhos desenvolvidos no cotidiano da EFA me empolgavam.

Na EFAMJ eu pude aprender a conviver com o outro, valorizar meu lugar, ter responsabilidade e disciplina nos estudos. Buscar práticas que facilitem a vida do produtor e garantam uma qualidade de vida melhor. Na EFAMJ, além da formação profissional se valoriza a formação humana e política. Um bom profissional não é percebido apenas pelo conhecimento técnico, mas é aquele que adéqua este conhecimento na transformação social que possibilite um mundo de bem viver. Um bom profissional, alia questões técnicas às questões humanas e políticas. Essa interação é fundamental para o crescimento do jovem agricultor. A EFA Mãe Jovina me abriu várias portas, e uma delas foi à oportunidade de ingressar no ensino superior, antes mesmo de terminar a formação técnica.

Foi um marco pra EFAMJ ter sete educandos aprovados, de uma só vez, no curso de Licenciatura em Educação do Campo/Ciências Agrárias da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Lembro-me dos nossos pulos de felicidade em sermos aprovadas. E não parou por aí, era véspera do dia dos professores e na celebração desse dia tiveram muitos discursos e sorrisos estampados nos rostos dos colegas, professores, nos nossos e de toda equipe. Sem dúvida esse dia entrou para nossa história.

Minha jornada na universidade começou e um novo mundo cheio de descobertas e grandes surpresas se abriam junto. Na EFAMJ nós já tínhamos o regime de alternância e eu não tive muita dificuldade em me adaptar a modalidade do curso de Educação do Campo, dividido em “TU”, que é o “tempo universidade” e o “TC” que é o “tempo comunidade”. A questão da organicidade e dos grupos coletivos também foi algo que eu já tinha vivência e sabia da importância da autogestão dos estudantes, das ações coletivas e isso também foi importante para que eu adentrasse no curso me sentindo em casa.

O curso de licenciatura foi para mim uma continuidade no que diz respeito aos conhecimentos técnicos que adquiri durante a formação técnica na escola família agrícola. Muitas disciplinas eu já havia tido a vivência e muitos assuntos também já havia estudado superficialmente. Mas apesar do regime em alternância ser a base do curso na UFRB, sua execução prática na universidade foi bem diferente. No curso técnico o diálogo entre comunidade e escola é muito frequente, na EFAMJ as famílias visitam a escola, existem reuniões, visita técnica nas propriedades, ou seja, existe uma forte ligação entre Instituição e comunidade. Já na universidade isso se restringe muito, talvez pela questão de os estudantes serem de regiões muito distantes e o

curso não ter condições de estar fazendo essas visitas e nem as famílias terem condições de nos acompanharem na universidade. Assim a relação é de maior distanciamento entre universidade e comunidade. Quem deveria fazer esta aproximação era eu mesma, e cada um dos meus colegas.

Outra questão que diferencio entre a EFA e a universidade se relaciona com disciplinas técnicas. Na universidade a ênfase é na abordagem teórica e os momentos e atividades práticas ficam um pouco de lado. Na escola família agrícola nós temos uma maior integração entre atividades práticas e teóricas, que buscam caminhar juntas. Na EFA tínhamos muitas vivências, intercâmbios e a gente podia dialogar diretamente com as famílias, e especialmente com os jovens do campo. Na universidade esses momentos aconteceram pouquíssimas vezes.

Durante os quatro anos de UFRB eu tive oportunidade de aprofundar assuntos científicos relacionados aos modos de vida dos povos do campo, conhecendo um pouco melhor algumas abordagens da “Ciência Agroecologia”, e relacioná-las com a “Prática Agroecologia” que experimento. A vivência da universidade também impulsionou a minha formação sobre o “Movimento Agroecologia”, e assim me sinto desafiada a pensar a relação entre ações coletivas e individuais. A necessária atuação coletiva me impulsiona a lutar pelos direitos dos povos do campo. Passei a ter vivência com os movimentos sociais, e me detive em questões sobre a prática docente, impulsionando uma perspectiva de educação em agroecologia. Hoje me vejo desafiada a desenvolver uma didática necessária para estabelecer um diálogo entre saberes populares e científicos, e assim apoiar a construção de novas possibilidades para as comunidades construírem formas de bem viver.

A universidade me possibilitou vivenciar vários espaços educativos, tanto na sala de aula como nas atividades complementares, nos eventos, na militância durante os manifestos nas ruas. Reforcei em mim que todos esses momentos propiciam espaços de aprendizagem. Outro destaque que tenho da vivência universitária foi o encontro com outras trajetórias de vida, sejam elas dos colegas educandos, como dos professores e das representações de movimentos sociais que tive contato.

Destaco também a oportunidade em participar de algumas viagens de estudo e que me ajudaram muito, vivenciando experiências que acrescentaram muito em minha bagagem, meu repertório. A viagem para o Congresso Brasileiro de Agroecologia, em Aracaju, foi fundamental para mim. Neste congresso o diálogo de saberes era o tema central. As mesas trouxeram assuntos muito relevantes, como o

combate aos agrotóxicos, a relação entre educação, feminismo e agroecologia. Este encontro propiciou o contato com pessoas de todo o Brasil, debatendo conhecimentos, dialogando com povos da floresta, dos rios, do campo, dos mares, fundo e fecho de pasto. Estavam presentes estudantes, professores, escritores, de diversas formações acadêmicas.

Minha vivência na universidade me mostrou que é tão importante participar das atividades relacionadas diretamente com a grade curricular, quanto dos encontros, das rodas de conversa, dos grupos de pesquisa e extensão e tantas outras atividades que a universidade me proporcionou.

Uma destas atividades foi a participação do grupo de yoga, atividade de extensão do curso de educação física. Esta atividade me propiciou vivenciar uma outra relação com meu próprio corpo e as sessões de yoga me apresentaram uma outra perspectiva de perceber a vida. Também fui selecionada para ser entrevistada em uma pesquisa de TCC, e me permitiu aprender com o grupo de estudantes da educação física algumas abordagens de pesquisa. Foi uma troca de saberes e uma experiência muito rica.

Hoje analiso que ter entrado na universidade pública é um marco na minha vida. Sou a primeira da minha família a ter um ensino superior, algo valorizado por nós. Apesar de todas as dificuldades, como deslocamento e pela falta de condições ideais para me manter em outra cidade, o diálogo entre o conhecimento acadêmico com os conhecimentos populares da nossa família, podem ser renovados e fortalecidos. O que eu aprendi em sala de aula sempre trago para a nossa propriedade. Os conhecimentos são testados e experimentamos nas atividades de minha família, e analisamos o que realmente deu certo e em que aspecto podemos melhorar. Assim construímos novos conhecimentos cotidianamente.

A licenciatura em educação do campo me acolheu de braços abertos, e mesmo com os desafios para permanência na universidade, chego com o desafio de realizar um trabalho de conclusão de curso que represente a minha trajetória, narrada até aqui, e que marque a finalização de mais uma etapa da minha vida acadêmica.

Assim defini por analisar oito narrativas relacionadas ao projeto Agrofloresta no Sertão, que participei ainda quando estava na Escola Família Agrícola Mãe Jovina. Essas narrativas foram coletadas a partir do diálogo de saberes entre estudantes egressos, comunidade e autores que discutem a Agroecologia, mais especificamente os Sistemas Agroflorestais na Bahia. Para tal, busquei trazer as falas dos

interlocutores (quadro 1), em diálogo com os autores pesquisados ao longo do trabalho. Os entrevistados foram selecionados devido ao envolvimento no Agrofloresta no Sertão desenvolvido na EFAMJ e na comunidade de Morro das Flores, Ruy Barbosa.

Quadro 1- Informações sobre os/as entrevistados/as.

Nome	Idade	Gênero	Localidade
Alciene Queiroz	23	Feminino	Ruy Barbosa
Alcione	44	Feminino	Serra Três – Ruy Barbosa
Alexandre	21	Masculino	Diamante – Bonito
Cleiton Borges	24	Masculino	Bonito
Helio Silva	59	Masculino	Morro das Flores – Ruy Barbosa
Karina Melo	22	Feminino	Nova Tiririca – Itaberaba
Kelly Assis	22	Feminino	Serra Três – Ruy Barbosa
Sergio Teles	37	Masculino	Ilhéus

O projeto foi implantado tanto na área da escola como em áreas de algumas famílias. Ele buscava recuperar áreas degradadas e mostrar uma forma de produzir baseada na construção de sistemas agroflorestais. Este projeto era um tema novo e ninguém sabia ao certo do que se tratava. Por conta disso, foi feito um trabalho de apresentação do projeto para estudantes e para as famílias. Com este tema pretendo relacionar educação do campo e o ensino de Agroecologia, através das narrativas de pessoas que vivenciaram o projeto, tanto das práticas de implantação dos SAFs como do processo educativo.

CAPÍTULO II: DIÁLOGOS DE SABERES ACERCA DO PROJETO AGROFLORESTA NO SERTÃO

A experiência como agricultora e depois como técnica e educadora do campo me deu elementos para atestar a importância de cuidarmos do solo, da terra, e garantir que seja usada para fortalecer as condições que a preservam e garantam uma boa produção. Além de garantir a segurança alimentar, esta produção também é voltada para a comercialização visando garantir a renda familiar. Nesse sentido, a Agroecologia possui um papel fundamental para os povos do campo, no que diz respeito a construção de conhecimentos sobre os modos de produzir preservando o ambiente, e com relações sociais mais respeitadas e justas. É uma ciência que une os conhecimentos acadêmicos e tradicionais.

Dentro dos princípios da agroecologia temos o desenvolvimento de sistemas Agroflorestais que tem como orientação a observação profunda dos ecossistemas como base para a construção de agroecossistemas que combinem espécies de vegetais de pequeno porte com aquelas de médio e grande porte, culturas anuais e de ciclo curto, além das plantas medicinais e rasteiras, fazendo com que o agroecossistema seja diverso e sustentável.

As árvores possuem um papel fundamental no sistema agroflorestal, como o papel de barrar a radiação solar intensa, produzir biomassa para alimentar o sistema e ainda contribuir com a vida do solo através das raízes e interações nela existentes. O movimento de rompimento das raízes e as possíveis associações das raízes com bactérias e fungos alimentam o ecossistema onde os vegetais se desenvolvem. (ALTIERI, 2012)

A implantação do Projeto na EFA Mãe Jovina

O Projeto Agrofloresta no Sertão, que será aqui analisado, tem como referência os princípios de construção de Sistemas Agroflorestais (SAFs). Foi executado na Escola Família Agrícola Mãe Jovina em Ruy Barbosa. O município de Ruy Barbosa está situado no que foi denominado território Piemonte do Paraguaçu, inserido em uma parte da Chapada Diamantina, no estado da Bahia. Este município apresenta serras preservadas, totalizando quatro, sendo elas: Serra do Orobó, Serra Um, Serra Dois e Serra Três. A Serra do Orobó localiza-se na sede do município.

A implantação e manejo dos SAFs que serão base deste trabalho ocorreram entre 2014 e 2017. O projeto foi aprovado no edital de 2014 do Programa de Pequenos

Projetos Ecosociais (PPPECOS) do Instituto Sociedade, População e Natureza (ISPN). Sendo o coordenador geral do projeto Sérgio Bernardes Sá Teles. Além da implantação na escola, foi escolhida a Associação Serra Três na localidade de Morro das Flores em Ruy Barbosa.

O projeto se iniciou no ano de 2014 na EFAMJ com abordagem teórica a partir de formações e diálogos com intermédio do professor Sérgio e com o envolvimento dos estudantes. A etapa de implantação do projeto ocorreu no ano seguinte como relata a estudante Kelly.

Primeiro, gostaria de deixar registrada a minha gratidão pelo convite em participar desta pesquisa, contribuir com minha companheira de trajetória é de grande valia para mim, além, do prazer que eu sinto em relembrar as minhas vivências na EFAMJ onde me constituir enquanto profissional, enquanto sujeito coletivo e ressignifiquei a minha identidade camponesa. Vamos lá! O Projeto Agroflorestal se iniciou na EFA em 2015 através do Professor Sérgio Teles, algo novo que gerou um grande interesse na escola e nos estudantes, de início o professor fazia serões explicando a parte teórica do projeto, para que entendêssemos a proposta e apresentava os possíveis resultados, tirava dúvidas e curiosidades, estes momentos serviram de incentivo para o desenvolvimento do SAF na recuperação da área proposta na escola. Nas primeiras quinzenas na qual o SAF foi inserido enquanto atividade prática na escola eu fui inserida na equipe, logo de cara eu já me perguntei se aquilo era realmente possível, já que a área escolhida estava completamente compactada, bastante exposta. O desafio e trabalho seriam grandes, mas, sempre acreditamos em obtermos resultado positivo, visto que os vídeos apresentados nos serões mostravam experiências de resultados extraordinários. Ter participado do início do desenvolvimento prático é de grande valia para mim, começamos praticamente do zero, havia pouquíssimas árvores no espaço, demarcamos a área e começaram os aprendizados que levarei para a vida. Aprendemos sobre manejo, compreender através do declive do terreno qual a forma de plantio que garanta a preservação do solo diminua a lixiviação dos nutrientes garantindo um bom desenvolvimento das espécies inseridas. Para o local utilizamos o plantio em curva de nível. Aprendemos que é necessário conhecermos nossa região para saber quais as espécies são adaptadas, pois, não adianta trazer espécies exóticas sem conhecê-las, pois, pode gerar resultados negativos como disputa drástica de nutrientes, é importante sempre buscar por uma relação harmônica entre as espécies. Aprendemos a plantar em fileiras alternadas pensando na multiextratificação, intercalando frutíferas com perenes, adubação verde, cerca viva etc.; cobertura ideal do solo para evitar a erosão; técnica de manejo do espaço para evitar a compactação até mesmo por nós que estávamos atuando no espaço; entre tantos outros aprendizados. Este projeto foi muito importante para o meu desenvolvimento acadêmico, enquanto estudante do técnico em agropecuária, mas, também enquanto filha de agricultores, é nítida a importância de recuperação do solo para vida, por muito tempo essas informações não chegavam até nós e poder fazer parte dessa experiência é muito gratificante. Foram longos dias/meses de trabalho, em algumas quinzenas eu ia para outras áreas práticas, mas, fiquei bastante tempo passando pela atividade do SAF. O resultado desse projeto na escola é bonito de se ver, até inacreditável aquela área exposta, empobrecida e hoje tão diversificada. Faz 05 anos que me formei e sempre que vou até a escola meus olhos brilham com a beleza que se tornou aquele espaço, além de que o SAF se expandiu em outras áreas da escola ao longo dos anos, acredito que esse sentimento de orgulho em ter feito parte desse projeto não é somente meu, foram muitos estudantes que passaram nesse espaço e ao menos algumas plantas tem nossas mãos no plantio e vê-las crescer,

florescer, frutificar renova a esperança de um planeta melhor, mais sustentável e mais protegido e sujeitos mais conscientes. Hoje enquanto estudante da Licenciatura em Educação do Campo- Ciências Agrárias percebo ainda mais a riqueza que é para a EFAMJ ter um espaço de SAF em sua propriedade. Enquanto ex-aluna não sei se os componentes da escola mudaram, mas, eu senti falta de ter SAF enquanto componente levando em consideração a diversidade teórica que podemos ter dentro desse espaço. Os serões trouxeram um pouco da teoria na construção do projeto, mas, sinto que não foi suficiente para o todo de aprendizado que esse projeto possui. Deixo como sugestão inserir SAF enquanto componente curricular nas EFAs. Este projeto teve a extensão para duas comunidades Serra Três de Humaitá, inclusive residio em Serra Três. Através da associação a extensão foi escolhida para a propriedade de três famílias que compartilhavam um espaço. As pessoas estavam bem empolgadas, fizemos mutirões e implementamos o começo do SAF, acreditávamos que iria para frente, mas, cada um com seus afazeres individuais foram se ocupando em outros espaços e pararam de realizar os mutirões, inclusive as famílias contempladas não continuaram no cuidado e manejo do espaço já que ele exige bastante mão de obra e manutenção. Outra coisa que afetou o SAF na comunidade foi a escassez de chuva que resulta em falta de água, diferente da escola que tem bastante mão de obra e disponibilidade hídrica pelo menos para o início do desenvolvimento das mudas. Tem bastante tempo que não vou na casa dessas famílias contempladas, mas, acredito que o SAF não se desenvolveu, já na comunidade de Humaitá eu não acompanhei e também não sei dizer os resultados gerados lá. Então, diante desses meus dois resultados enquanto integrante no desenvolvimento do projeto posso dizer que o SAF gera bons resultados desde que haja disponibilidade de recursos para o seu desenvolvimento, é extremamente positivo para o meio ambiente e qualidade de vida, mas, para que haja os bons resultados é importante que haja compromisso e dedicação, outra coisa que acho importante destacar é que os resultados não são imediatos, leva tempo e é contínuo, porém, torno reforçar: o SAF é um sistema extremamente importante para a preservação da vida. Só tenho a agradecer pela experiência, foram aprendizados que eu levo para a minha vida como mencionei acima, acredito que quanto mais falarmos de SAF, levarmos para os espaços de ensino seja na comunidade, na escola, na roda de amigos, mais chance temos de recuperar pelo menos parte do meio ambiente que o capitalismo, a indústria etc. vem destruindo. É importante deixar bem claro que o solo é vivo e a vida precisa de cuidados. (ENTREVISTA COM KELLY SANTOS DE ASSIS, 22 ANOS realizada em maio de 2021)¹

Destaco na fala de Kelly a importância dos serões no que diz respeito a troca de saberes entre educandos e educadores. Durante os serões acontecem as rodas de bate papos, trabalhos e grupo, discussões sobre um tema específico e tudo isso contribui na construção do conhecimento coletivamente, estimulando o aprendizado e o diálogo de saberes entre todos os envolvidos. O tema sistemas agroflorestais, que não apareceu na grade curricular das aulas, foi abordado exatamente nestas sessões de serões.

No caso do projeto, o coordenador Sérgio utilizou inúmeros instrumentos para abordar as bases científicas da agroecologia nos momentos de serões, com o intuito

¹ A família de Kelly mora na localidade de Serra III comunidade Morro das Flores, no município de Ruy Barbosa

de preparar os educandos teoricamente antes de iniciar as atividades práticas de implantação do projeto. A intencionalidade era de dar um suporte científico para que os educandos entendessem o significado de cada prática, suas interações no sistema e a importância de ser apropriar desses conceitos anteriormente a execução das etapas de recuperação da área e implantação do sistema agroflorestal.

A proposta, talvez por sua aparência de nova, causou estranheza e dúvidas no início. Sérgio enfatizou princípios fundamentais da “Agrofloresta”: manejo ecológico do solo, biodiversidade e sucessão natural, que eram desconhecidos, especialmente as suas bases científicas. Na prática da escola e em nossas comunidades já realizávamos atividades práticas baseadas na agroecologia, porém sem nos ater a uma reflexão do aporte teórico que essa ciência nos oferece. Foi através da observação da natureza e os conhecimentos populares passados entre as gerações que os povos desenvolviam agricultura, formando agroecossistemas que se assemelhavam a dinâmica de uma floresta. Ao lidar com desafios práticos do dia a dia, os povos aprimoram suas práticas de produção, incluindo as formas de recuperação do solo degradado. Nos serões aprofundamos o que significa tratar o solo como um ser vivo, pois ele dá suporte a vida de organismos e assim necessita de cuidados para sua conservação. Esses cuidados garantem que nele cresçam plantas fortes e nutridas para manter um sistema sustentável. O solo das áreas de implantação do projeto era muito degradado e demandou muito tempo e trabalho duro para que a sua recuperação acontecesse. Assim cada solo necessita de adubação adequada, cobertura e plantio de plantas, que possam ser adaptadas e intercaladas no sistema.

Outra ponderação que podemos fazer a partir da narrativa de Kelly, se relaciona com as condições de implantação e manutenção dos sistemas agroflorestais. Na EFA, as condições, especialmente a dedicação de pessoas às atividades de implantação e manutenção do SAF, propiciou um bom desenvolvimento do mesmo. Essas condições não conseguiram ser reproduzidas nas comunidades. Assim a manutenção das áreas em que foram implantados os SAFs nas comunidades não se desenvolveram da mesma maneira como se desenvolveu na escola Mãe Jovina. Aqui busco uma aproximação com reflexões sobre o papel de uma área experimental, que tem um controle de condições, sejam elas ambientais ou mesmo humanas. Estas condições, grande parte das vezes, não podem ser reproduzidas para o contexto socioambiental de uma área de uma família de agricultores. Uma área

experimental não pode ser tomada como um modelo a ser replicado. Mas serve como referência que pode estimular a construção de estratégias para serem adequadas a outras situações. (SEVILLA-GUZMÁN, 2002, p.21-23)

O projeto Agrofloresta do Sertão possibilitou realizarmos o manejo de sistemas agroflorestais na EFAMJ. Este sistema se baseou no consórcio de plantios de culturas agrícolas com milho, feijão, abobora, melancia, andu; e plantas forrageiras como leucena, gliricídia, palma forrageira, sorgo, direcionado para a recuperação da área degradada e com finalidade de produzir alimentos, dentro de uma perspectiva de fortalecimento da soberania alimentar da escola. Na preparação do sistema colocamos ênfase ao solo, preocupando-se com a atividade biológica existente nele, suas atribuições físicas, propiciando condições para uma ciclagem de nutrientes. Denominamos este processo de manejo ecológico do solo, e como orientação o desenho de uma maior diversidade de espécies integradas e adaptadas ao semiárido. Essa diversidade foi estabelecida através de policultivos com introdução de espécies de ciclos diferentes e estratos distintos, num processo denominado de sucessão natural.²

Para que o projeto fosse executado em primeiro momento foi feito um desenho minuciosamente da área na qual o projeto seria executado e gerido, sendo fundamental para organizar as espécies de ciclos e funções diferentes de acordo com as suas necessidades de crescimento, luminosidade e sempre levando em consideração as interações entre as espécies escolhidas para compor a área.

Destaco também, acompanhando a proposição de Kelly, a importância de os SAFs serem incorporados na base curricular da EFA, e assim ser conteúdo obrigatório na formação dos educandos. A implantação dos SAFs, bem como as reflexões teóricas

² O conceito de sucessão natural aqui proposto é similar ao utilizado por Fabiana Mongeli Peneireiro. Peneireiro toma a sucessão natural como um processo análogo a ao que ocorre em florestas tropicais. Nesse processo, que se desenrola no tempo, se pressupõe transformações sucessivas, tanto das formas de vida presentes no local, como das condições do próprio ambiente, condicionadas pelos organismos que nele vivem. O processo sucessional é tomado como dinâmico, sendo que um consórcio sempre dará lugar a outro, com composição distinta de espécies, se aquele já cumpriu sua função de preparar o nicho para espécies um pouco mais exigentes, melhorando e otimizando as condições ambientais. A sucessão natural é acompanhada por uma forma de manejo inspirada nos processos naturais dos ecossistemas, na qual a poda e capina seletiva são as bases. Esse manejo busca uma melhora das condições da macrofauna edáfica, direcionada a fortalecer estágios sucessionais mais avançados, observando para que todos os compartimentos de um sistema estejam interrelacionados. O manejo é indicado como o principal responsável pela melhoria da fertilidade do solo em sistema agroflorestal Assim Peneireiro demonstra em suas análises que uma área de SAF, se comparada com a área em pousio, mostra-se como uma alternativa promissora para a recuperação de áreas degradadas, possibilitando retorno econômico, compatibilizando produção com a conservação dos recursos naturais, inclusive a biodiversidade. (PENEIREIRO, 1999, p.78-85)

contribuíram bastante na construção do nosso conhecimento, e o projeto se tornou marcante em nossas vidas. A inserção dos sistemas agroflorestais na grade curricular, unindo teoria com a prática, tanto no espaço já existente na escola como na implantação nas localidades dos estudantes, propiciaria aos educandos a oportunidade de aprofundarem seus conhecimentos.

Outro ponto da fala de Kelly se refere a implantação do SAF na localidade de Serra 3, Kelly afirma que no início havia empolgação e estava dando resultados. Porém com o passar do tempo as pessoas iam se ausentando dos mutirões e até mesmo algumas pessoas da própria família contemplada não se interessavam em participar das atividades de manutenção do SAF. Uma outra questão ponderada por Kelly foi a diferença das condições hídricas de Serra 3 comparada às condições da EFA. Aqui podemos pensar a importância de políticas públicas para dar suporte a projetos como este, como as políticas que implantam tecnologias sociais como as voltadas a captação e armazenamento de água. São tecnologias simples, relativamente baratas, que favorecem o desenvolvimento de atividades agrícolas e pecuárias das famílias, aumentando o potencial hídrico e assim possibilitando um maior fortalecimento nos plantios e na criação de animais.

O projeto Agrofloresta no Sertão foi percebido na Escola Família Agrícola Mãe Jovina, como uma grande novidade e apesar de não termos muito conhecimento sobre essa forma de produzir, abraçamos o desafio com muito afinco. Nós já praticávamos uma agricultura em bases agroecológicas em nossas áreas, mas não tínhamos o aporte teórico para entender todas as interações que aconteciam no agroecossistema. Nesse sentido a egressa Alciene enfatiza a importância da implantação do projeto e como ele contribuiu para sua formação.

A época em que fui discente da EFAMJ foi um período muito bom pois conheci várias formas de cultivo e técnicas que são aplicadas para trabalhar o solo, e dentre elas conheci também o Projeto Agrofloresta no Sertão no qual eu me encantei e que realmente o meu coração bate muito forte por isso porque o SAFs é algo muito lindo. Vejo que o Projeto Agrofloresta no Sertão foi desenvolvido com o intuito de colaborar com o processo produtivo no que diz respeito a agricultura no sertão e principalmente na questão da produção na caatinga e também no nordeste brasileiro pois a implantação do SAFs ajuda muito. Apoiar a produção sustentável e que visa utilizar os recursos naturais disponíveis do local a ser implantado. O que é mais interessante no sistema agroflorestal é que ele não busca trazer plantas de outras regiões a não ser que elas sejam adaptadas ao clima. O sistema agroflorestal já tem em mente que se você não colocar plantas que não são adaptadas corremos o risco de não ter um bom desenvolvimento para não perder tempo, o SAFs ajuda muito. Você usa plantas que já são adaptadas a sua região e isso favorece muito mais, e também ajuda a valorizar a biodiversidade do sertão e a gente não fica só correndo atrás das coisas do outro e aprendemos a valorizar o que temos de melhor no lugar onde vivemos. Vejo que um dos desafios é que se

não acreditássemos no projeto não seria desenvolvido, pois ele foi desenvolvido pelo professor Sergio e no principio dificuldade sempre tem, mas se a gente for pensar em dificuldade em todas as áreas vamos ter e quando convertemos a dificuldade em algo para solucionarmos aquele problema se torna ainda melhor. Uma dificuldade na implantação do SAFs é a questão da falta de recursos financeiros e o apoio social porque as pessoas ainda não são tão acostumadas e os produtores também não, sendo que é algo novo e tudo que é novo causa um impacto muito grande e as pessoas às vezes não acreditam. Outra dificuldade é o déficit de água no semiárido por conta das chuvas irregulares causadas pelas mudanças climáticas a partir do desmatamento e dentre outras coisas. Sei que a região nordeste não tem tanto recurso hídrico disponível, porém chove bastante e dá para produzir com pouco e se soubermos aproveitar o período chuvoso para captar e armazenar a água conseguiremos ter uma boa produção com plantas adaptadas ao clima e que necessitem de pouca água. Se o problema for o déficit de água o agricultor deve implantar o SAFs, pois com o manejo e plantas adaptadas ele vai conseguir superar essa necessidade. Minha participação foi com estudante e na época estive no SAFs próxima do professor Sergio ele que nos conduziu bem na questão de nos ensinar o cuidado com o solo, plantas e a biodiversidade existente, então é um conjunto que a gente deve ter de cuidados, pois o solo tem vida e precisa de cuidados. As plantas, as sementinhas que precisam germinar bem. Colaborei com a questão do manejo e incentivo, pois sempre que eu encontro alguém com a visão que o sertão não é produtivo então eu sempre defendo apesar de não estar trabalhando tanto na área e acredito no SAFs, creio que quanto mais implantarmos tudo melhora, daqui a um tempo acredito que teremos vários SAFs, pois sabemos que dá muito certo no Brasil e com enfoque no nosso nordeste. (ENTREVISTA COM ALCIENE DE QUEIROZ SILVA, 23 ANOS. Realizada em junho de 2021)³

A EFA nos proporcionou a aprendizagem de novas técnicas de cultivo e manejo seja nas aulas teóricas, viagens de estudo, visitas técnicas nas propriedades ou atividades práticas, sendo que a união desses instrumentos contribui significativamente na nossa formação humana e profissional.

As plantas utilizadas no SAFs foram escolhidas através da percepção de sua adaptação ao clima existente, ao solo e a interação entre as plantas. Não precisam necessariamente ser nativas desde que se desenvolvam bem naquelas condições existentes na área de implantação. Como todas as outras pessoas, a egressa Alciene reconhece o papel fundamental do professor Sergio trazendo destaque para a sua condução no que diz respeito à formulação e execução do projeto na escola. O projeto além de abrir novos horizontes, trouxe melhorias para a instituição. Além da recuperação das áreas e do aprendizado aos estudantes, propiciou recursos financeiros que garantiram viagens de estudos, compra de equipamentos e de um veículo para a escola.

Iniciar o projeto foi desafiador, pois, devido ao pouco conhecimento que tínhamos sobre o tema, foi necessário que o professor Sérgio antes de nos colocar

³Mora no município de Ruy Barbosa Egressa da Escola Família Agrícola Mãe Jovina

para pôr a mão na massa, fizesse muitos momentos de formação com rodas de diálogos, filmes, documentários e momentos de trabalho em grupos para que pudéssemos entender tudo que envolve a Agroecologia, sua importância social, econômica, cultural, política e ambiental e as interações que acontecem dentro do sistema. Foi tudo muito bem planejado e didático para que pudéssemos aprender juntos, o que facilitou nosso entendimento em relação ao projeto, bem como ele seria gestado e executado. Sérgio partia de uma concepção de SAFs como um potencial sistema para fortalecer os modos de vidas das famílias.

As agroflorestas ou Sistemas Agroflorestais (SAFs) aparecem como uma alternativa promissora de sistemas de produção integrados, produzindo e conservando, ao mesmo tempo, os solos, a água e a biodiversidade. (KÜSTER et.al, p. 43)

A primeira área em que o projeto foi executado era muito degradada. Em razão do grande declive ocorria à lixiviação no solo, acarretando o transporte de nutrientes, resultando em um solo infértil, sem a presença de vegetação e microrganismos. No primeiro momento, foi feito o desenho e planejamento da área e em seguida abriram-se sulcos para o plantio da palma forrageira em curva de nível, para diminuir a erosão. O plantio em curva de nível visa a preservação da estrutura do solo, evitando as enxurradas que favorecem a erosão. Esta técnica segue as linhas do relevo, observando o nível da terra (topográficas) (KÜSTER et.al, p.26). O primeiro sinal de resposta positiva da área foi o surgimento de plantas espontâneas que serviram para cobertura do solo após os tratamentos culturais.

Diante das especificidades edafoclimáticas da região e dos princípios dos sistemas agroflorestais sucessoriais biodiversos, foram estabelecidos e observados alguns parâmetros técnicos para o desenho e planejamento dos SAFs, entre os quais: o uso de espécies e variedades vegetais adaptadas, com bom desempenho em outras áreas da escola e/ou notadamente resistentes às condições semiáridas; o uso de espécies de diferentes estratos (baixo, médio, alto, emergente) e funções ecológicas (produção de biomassa, nitrogenação, atração de insetos benéficos); o uso de plantas com diferentes ciclos de vida e de produção (curto, médio e longo), viabilizando uma produção diversificada e continuada. (SÁ TELES, 2017)

No início era um pouco difícil acreditar que aquela área compactada, sem vegetação, com presença de esgoto a céu aberto e com grande declive fosse recuperada em tão pouco tempo. Porém, com esforço e perseverança de toda equipe, fomos percebendo a transformação do ambiente. Esse resultado veio devido ao comprometimento dos estudantes proporcionado pela escola, pois traz o trabalho

como princípio educativo, além disso prepara o estudante para a vida em qualquer ambiente que ele possa estar, a estudante Karina aponta na sua fala a relação criada entre a escola e as famílias enfatizando a importância da formação integral do estudante.

A minha relação com a EFA é de um longo tempo, pois, muitos familiares também já estudaram lá. Sempre tive vontade de estudar lá e a EFA sempre me proporcionou muitos momentos de aprendizagem e alguns ensinamentos que são fundamentais para a vida pessoal. Tenho a EFA como um berço de ensinamento porque ela tem uma enorme parcela de responsabilidade por estar hoje na universidade. Tenho só a agradecer a aquele lugar e aos professores por ter me proporcionado experiências incríveis. Participei do projeto desde o início e tenho como principal destaque a transformação da área porque é uma coisa incrível no início era um solo muito compactado área desmatada e que não se produzia nada, participar desde o início foi uma experiência que a gente vai levar para toda vida porque começamos a ver as transformações aos poucos e apesar de as primeiras produções serem para suprir as necessidades das áreas foi uma transformação incrível. Como ponto positivo destaco a dedicação do professor responsável porque eu mesma ficava me perguntando se iria ter resultado, se iria conseguir transformar a áreas e as conversas eram sempre dinâmicas e ele tinha certeza de que iria dar certo e essa certeza nos motivava a continuar trabalhando na área. A maior dificuldade foi descompactar o solo pois era uma área muito degradada e foi um trabalho pesado e duro pra conseguir transformar aquelas áreas descompactar e começar a plantar as leguminosas e forrageiras e com o passar do tempo começou a ficar prazeroso apesar de ficar muito tempo, diariamente ao olhar as transformações na área e aí já conseguimos ter produção para suprir as necessidades de alimentos. Hoje ao olhar a área transformada e saber que você fez parte daquele processo é gratificante. (KARINA DE OLIVEIRA MELO, 22 ANOS entrevista realizada em maio de 2021)

É nítido o sentimento de gratidão e satisfação em fazer parte da história da EFAMJ nas falas dos/das educandos/educandas, sempre com o cuidado e respeito por todas as experiências e conhecimentos construídos durante o seu percurso na instituição. Um exemplo disso é a fala acima da egressa Karina, que traz sobre a sua passagem pela escola e das suas irmãs também. Faz-se necessário motivar o coração de outros/outras jovens dos arredores, com a perspectiva de despertar o desejo de conhecer a pedagogia da alternância que está entrelaçada com a educação no e do campo.

Empenho e dedicação são atitudes que ajudam a construção de um bom trabalho. O coordenador do projeto, Sérgio Sá Telles, tinha de sobra estas duas características. Sempre com um olhar atencioso nos motivando a continuar e mesmo quando o cansaço batia, ele nos acalmava dando sempre uma “injeção” de ânimo, fazendo com que não desistíssemos de fazer a mudança na área da escola e em nossos lugares de pertencimento. Aprendemos que transformação de uma área

degradada não é um papel fácil e de alcance rápido, é necessário empenho, paciência e cuidados em cada etapa de execução. Não foi apenas um fazer por fazer, mas Sérgio nos provocou a entender a importância de manter um agroecossistema, propiciando interações harmônicas entre os elementos que o conformam. E para isso nos preparou para trabalhar duro. A dedicação e uma boa orientação técnica, aspectos ressaltados nesta fala de Karina mostram sua satisfação de ver a transformação da área degradada em um espaço de produção e preservação das condições ambientais.

Mas mesmo em um bom trabalho, durante sua execução, também surgem desafios que precisaram ser enfrentados e superados em grupo. Outro interlocutor desta pesquisa, também egresso da EFAMJ, Alexandre Miranda, entrevistado para esta pesquisa em maio de 2021, fez os destaques abaixo:

Vejo que durante os 4 anos que estive estudando a minha relação foi como a de mãe e filho e talvez seja por isso, não seja atoa que ela é chamada de Mãe Jovina, digo isso porque assim como a mãe ensina o seu filho a andar, em uma nova dimensão a EFA ensina disciplinas, não só de um curso, mas, de uma vida que pode transformar a realidade desde a família até uma comunidade como um todo e quem sabe até algo mais. Foi uma trajetória muito edificadora e ao “fim dela”, entre aspas porque essa trajetória contínua dentro de nós, foi possível perceber que a visão de mundo que tínhamos antes ela foi completamente transformada, visão política, social, ambiental, econômica, espiritual, enfim. A visão ela se transforma a ponto de se fazer uma retrospectiva de perceber que o mundo era diferente e eu não sabia, obtive experiências que me fez ver as coisas, minha terra, as pessoas de um jeito muito mais crítico e especial e aí eu vi que o mundo não é aquilo que a gente vê, mas sim aquilo que a gente lê. Tive presente desde a elaboração tática até a execução do projeto no campo e de início eu destaco a construção participativa e me refiro a ideias de diferentes culturas, modo de vida, e encima disso também já é uma das dificuldades eu destaco, pois trabalhar no coletivo às vezes pode ajudar sim em muitas coisas, mas em outras é preciso muita sabedoria e paciência principalmente quando em alguns momentos cada um quer ir pra um lado. Destaco também a presença de Sérgio que foi um grande protagonista neste projeto, fez por onde, teve muita paciência para associar as ideias que coordenou uma turma diferente com trajetórias e pensamentos diferente e por isso que eu exalto a sabedoria que ele teve para coordenar esse projeto. (ENTREVISTA COM ALEXANDRE GONÇALVES MIRANDA, 21 ANOS entrevista realizada em maio de 2021).⁴

Trabalhar em grupo, tomar decisões coletivamente, estabelecer rotinas de trabalho, lidar com diversidade de pensamentos e concepções foram alguns dos aprendizados, duros e que ainda nos desafiam, que a experiência de estarmos inseridos na equipe do projeto nos proporcionou. Nem tudo sai como planejado, nem

⁴ Está ligado ao Povoado Núcleo Rural Diamante, município de Bonito Egresso da Escola Família Agrícola Mãe Jovina

tudo acontece da forma esperada. Saber observar que em cada situação a dinâmica tem um arranjo próprio foi importante para o nosso crescimento.

A escola também é valorizada por Alexandre e como ela nos ensinou a perceber o mundo de outra forma. Destaco desta fala de Alexandre o quanto que as leituras nos ajudam a ver o mundo com outros olhos. Assim podemos retomar a importância de buscar aprofundar conhecimentos, sejam voltados para questões técnicas da produção rural, sejam elas voltadas para questões históricas da formação social das comunidades, seja os conhecimentos que nos dão base para compreender as relações políticas que estão no nosso cotidiano. Como destaca Alexandre, as leituras transformam a nossa forma de perceber e viver neste mundo. As leituras ligadas a agroecologia e a educação do campo nos permitem conhecimentos para construir a emancipação dos povos do campo, buscando a descolonização de pensamentos e mostram caminhos que possibilitem mudanças na percepção de mundo dos/das educandos/educandas. E o projeto nos proporcionou conhecimentos para transformar a realidade, transformando concretamente uma área degradada em um espaço de produção, e transformando nossa forma de pensar a relação entre produção e preservação ambiental

Outro destaque do projeto se relaciona às questões metodológicas que orientaram os trabalhos desenvolvidos e o trabalho coletivo, tendo como referência modos de vida diferentes. O trabalho coletivo exige escuta e respeito às diferenças, no qual as decisões sempre devem ser tomadas coletivamente, ouvindo cada um/uma e dialogando com as formas e meios para que o objetivo seja alcançado com êxito.

O empenho de Sérgio sempre foi algo louvável e reconhecido por todos, sejam os estudantes, professores ou pessoas da comunidade, todos estavam sempre admirando sua garra e agradecendo a sensibilidade em que ele tocava o projeto, respeitando cada pessoa com sua individualidade e apontando caminhos para superar os desafios coletivamente.

Anteriormente ao projeto, nós não sabíamos sobre a Agroecologia claramente, estudávamos sobre a Agricultura Orgânica e a transição da Agricultura Convencional para a Agricultura Orgânica. Porém, após as formações sobre o projeto, fomos entendendo que a Agroecologia não era a mesma coisa que agricultura orgânica. Mesmo sendo considerada uma forma de agricultura na qual a agroecologia, tanto como ciência, prática e movimento, se interessa, a agricultura orgânica se caracteriza pela produção de alimentos livres de agrotóxicos. O campo da agroecologia abrange

muito mais que as técnicas de produção sem a utilização de venenos. Busca formas de melhorar a organização social da produção que vise a garantia da soberania alimentar e ao mesmo tempo atenta às questões ambientais, ao fortalecimento da cultura dos povos, às relações de gênero e os modos de vida no campo. Porém, além de não termos acesso a essas informações, a percepção da agroecologia para além de uma técnica de produção, é algo um tanto complexo que dificultava nossa compreensão.

Outro interlocutor desta pesquisa, Cleiton Borges, também apresentou suas perspectivas sobre o trabalho realizado:

No início do projeto causou uma dúvida, pois na minha região é algo incomum e a agroecologia está sendo abordada agora, e a primeira dificuldade é incentivar pessoas a trabalhar dessa forma. A primeira dúvida que vem à cabeça é: será que vai dar certo? será que vai dar resultado? Trabalhar unindo coisas, plantas de forma natural juntamente com o ecossistema e a biodiversidade de culturas, porém, com o decorrer do tempo pude perceber que as culturas das nossas regiões se desenvolvem melhor do que as culturas trazidas de outros lugares. Percebi também que cultivar sem agrotóxicos, máquinas pesadas, as culturas começam a se desenvolver melhor e você começa a sentir os resultados e perceber as mudanças no solo, e aí você consegue entender o porquê de se fazer agroecologia. Confesso que no primeiro momento não me importei muito, porém ao começar a trabalhar comecei a entender a dinâmica do ecossistema natural que une espécies perenes juntamente com criação animal, eu fiquei curioso e percebi que realmente dá certo. Percebi também que quando começamos a praticar a agroecologia conseguimos ver maiores resultados do que da forma antiga praticada antes. Uma coisa que a agroecologia entra forte é na correção do solo que é a recuperação da fertilidade do solo, e pra mim é muito importante e hoje em dia porque a gente está muito acostumado a só usar e usufruir e não entende que o solo precisa se fortalecer. Na minha região o solo é muito ácido e as pessoas só corrigem fazendo aplicação de gesso e cálcio e não procuram outras formas. A erosão aqui é muito presente e que pode ser corrigida com SAFs, principalmente onde tem desmatamento e a Agrofloresta é fundamental para recuperação. O controle biológico de pragas também no qual pragas controlam pragas, eu utilizei na minha área de eucalipto alguns insetos para controlar as formigas e deu super certo. No período dos quatro anos na EFA eu só tenho a agradecer a Deus, pois foi um período que eu aprendi muitas coisas, pois eu estava acostumado apenas com agrotóxicos e esse mundo de orgânicos, agroecologia sustentável, eu estava por fora, pois, a TV não mostra e a mídia também não. Essa é outra visão, outro meio de conhecimento que eu tive lá dentro, tive grandes experiências e parceiros, aprendemos muita coisa importante, foi uma época sofrida, mas deu tudo certo. Ótimos aprendizados, foram 4 anos de absorção de conhecimentos que ganhei lá dentro eu só tenho a agradecer a Deus. Comecei a pôr em prática o que eu aprendi e tô gostando bastante e obviamente continuamos aprendendo com a prática e a realidade nua e crua e foi bem proveitoso. (ENTREVISTA COM CLEITON PEREIRA BORGES, 24 ANOS, realizada em maio de 2021)⁵

5 Mora no município de Bonito e é Egresso da Escola Família Agrícola Mãe Jovina

Cleiton apresenta algo que por vezes passa despercebido nos processos de educação, que é a desconfiança relacionada a propostas inovadoras. Como fazer para que as pessoas passem a acreditar, e assim se dedicar com afinco, naquilo que a princípio percebem com desconfiança e estão cheios de dúvida? O desafio de se trabalhar utilizando como base os princípios da agroecologia, observando a sucessão natural do ecossistema para que se desenhe uma sucessão similar para a construção de agroecossistemas sustentável e produtivos. “Para que seja possível promover um aporte periódico de biomassa no solo, é necessário o desenho e planejamento criteriosos do SAF a ser implantado”. (Sá, 2017)

Outros destaques foi o aprendizado que o solo deve ser tratado como um organismo vivo. Os componentes bióticos e abióticos interagem e esta interação que fornece o equilíbrio ao ecossistema. Um aspecto relevante na transição de uma agricultura convencional para uma agricultura baseada nos princípios da agroecologia, é a melhoria das condições do solo, com destaque para sua fertilidade. As práticas adotadas nos SAFs implantados contribuíram para a recuperação gradual dos solos que se encontravam bem degradados. Utilizamos técnicas de manejo para controlar a erosão em áreas que ocorriam a lixiviação, como o plantio em curvas de nível, do uso de cobertura do solo com a matéria orgânica encontrada no ambiente, que aumentou a retenção da umidade e propiciou uma maior possibilidade para a implantação de diferentes e variados ciclos de plantas em consórcio. Essa dinâmica propiciou por sua vez um aumento da diversidade biológica e os insetos passaram cooperar com o equilíbrio dinâmico que foi se estabelecendo. O controle biológico foi algo que se destacou na fala de Cleiton.

Nós já estávamos acostumados a experimentar inovações, pois na EFA Mãe Jovina os professores e monitores sempre se preocuparam em instigar os jovens a serem protagonistas do seu processo de aprendizagem e experimentação. Somos preparados para que, ao final do curso, cada um construa um projeto, denominado “projeto profissional jovem”, em que o educando escolhe uma atividade agrícola ou pecuária para implantação na propriedade de sua família. Esse dinâmica visa o educando se tornar autônomo e atento em como melhorar a renda e segurança alimentar de sua família. E para que esse projeto gere frutos, o/a jovem camponês desenvolve as atividades práticas na escola com supervisão da equipe e por meio dessas experiências conseguem ter propriedade em desenvolver as práticas na propriedade de sua família com maior facilidade e habilidade.

Apesar das dúvidas no início da execução do projeto, que Cleiton reforçou em sua fala, logo nas primeiras práticas foi possível observar as pequenas mudanças que estavam ocorrendo e entender que é possível buscar manejos baseados em princípios da agroecologia, mesmo em uma área completamente degradada. Aprendemos a planejar e a ter uma disciplina de trabalho, e também a ter a paciência de esperar e observar o processo que possibilitou a renovação do agroecossistema.

Outros projetos sobre a implantação de sistemas agroflorestais foram realizados em algumas EFAs no Nordeste. Destaco o projeto SAF EDU EFA coordenado pela Rede das Escolas Famílias Agrícolas Integradas do Semiárido (REFAISA).

“O Projeto SAF EDU EFA é um projeto Técnico e Educativo de Sistemas Agroflorestais- SAF’s nas Escolas Famílias Agrícolas e Comunidades, de modo a ter experimentos inovadores por meio da Pedagogia da Alternância no Tempo Escola e no Tempo Comunidade, compreendendo as especificidades de cada região, contribuindo com o desenvolvimento rural sustentável através da sistematização e disseminação de conhecimentos, experiências e boas práticas, garantindo a sustentabilidade socioambiental e de inovações tecnológicas que promovam a resiliência dos processos produtivos no bioma Caatinga às mudanças climáticas. (COSTA e SILVA, 2021)

Esses projetos são fundamentais tanto para os/as estudantes, quanto para a escola e comunidade, pois contribui de forma significativa no processo de ensino e aprendizagem tanto na sala de aula quanto nas atividades em campo. Nos Anais do I Workshop Nacional sobre AGROKA’ATINGA no Semiárido Brasileiro⁶, na seção que trata do “Sistema Agroflorestal Belo Encanto: Firmando Raízes em Território Quilombola”, o educando Maciel Nascimento da Silva trouxe a sua experiência dizendo que, “o SAF é de grande importância, pois buscamos imitar a natureza. Trabalhamos com práticas agroecológicas, como por exemplo a cobertura do solo que preserva a água e cria uma diversidade de vida no solo”. (SILVA, 2021, p. 64)

A proliferação destes projetos em escolas, como as EFAs, está possibilitando não só a reprodução de conhecimentos relacionados aos sistemas agroflorestais, mas está permitindo a construção de novos conhecimentos, a partir das reflexões que cada situação, de cada arranjo, de cada processo que foi desencadeado. Cada vez mais a agrofloresta passa a fazer parte do repertório da formação e aos poucos vai se inserindo no horizonte de possibilidades das famílias camponesas.

6 O I Workshop Nacional sobre Agroka’atinga no Semiárido Brasileiro é uma realização da Rede de Escolas Famílias Agrícolas do Semiárido (REFAISA). Essa ação é resultado do Programa Técnico e Educativo de Sistemas Agroflorestais nas Escolas Famílias Agrícolas e Comunidades.

A implantação do projeto em Morro das Flores

A localidade de Morro das Flores está situada na zona rural do município de Ruy Barbosa, Território do Piemonte do Paraguaçu na Chapada Diamantina. O bioma predominante é a Caatinga e o relevo constitui-se como montanhoso e com solos profundos. Morro das Flores, em seus quase 150 anos, destaca-se como um dos distritos mais antigos do município de Ruy Barbosa, criado em 31 de dezembro de 1931, pelo decreto municipal 7.909. Ao longo dos anos a localidade passou por diversas transformações nas condições de moradia e organização do povo. Segundo relatos dos/das moradores/as,⁷ sua denominação surgiu devido antigamente existirem mulheres bonitas e a população cultivar bastante flores exuberantes, associando o relevo do local às belas mulheres e às flores cultivadas. Atualmente possui mais de 180 famílias. Em termos de educação escolar para crianças, jovens e adultos temos a escola Municipal Raquel Falcão Lima, que proporciona o ensino fundamental I e II, dando suporte desde os anos iniciais até o final do ensino fundamental II, que antecede ao ensino médio.

. Olhando as questões voltadas para a agricultura e a criação de animais, Morro das Flores se destaca pelo solo bom para o plantio. Os denominados quintais produzem basicamente hortaliças, leguminosas e tubérculos, com destaque para a batata doce que se desenvolve muito bem na região e produz bastante. Os quintais são considerados estratégicos para as famílias, que fazem um uso diversificado da terra, incorporando diversas culturas, com diferentes hábitos de crescimento. Hoje percebo a paisagem dos quintais como uma estrutura semelhante às florestas tropicais, no que se refere a diversidade de espécies e uma configuração em estratos de altura. Meus estudos me alertaram para este aspecto, pois seria recorrente em famílias camponesas, com destaque para zonas tropicais, os quintais que se assemelham a sistemas agroflorestais, pois chegam a conter mais de 100 espécies de vegetais por quintal doméstico. Estes materiais possuem diversos usos, como material de construção, lenha para cozinha, elaboração de ferramentas, e principalmente como medicamentos, e alimentação humana. (Altieri, 2012, p. 297)

Outra característica em Morro das Flores é a organização de atividades de trabalho coletivo, que giram em torno da família. Como a maioria das áreas de cultivo são pequenas é raro existir a realização de mutirões, como em outras localidades. A

⁷ Esses relatos se referem as histórias que foram me contadas em diversos momentos

produção gira em torno da pecuária e agricultura com uma diversificação enorme de espécies vegetais. Para citar as mais destacadas, temos frutíferas como goiabeira, pitangueira, laranjeira, limoeiro, oliveira, licurizeiro, bananeira, pitombeira, coqueiro. Como culturas anuais, as chamadas de ciclo curto, temos o feijão de arranque o milho e o amendoim. Já as ervas medicinais mais destacadas são erva cidreira, capim santo, hortelã graúdo, camomila, alecrim. As espécies madeireiras e forrageiras mais utilizadas são o Ipê, a gliricidia, a moringa, e a palma gigante.

Dentre as histórias mais contadas sobre a origem da localidade de Morro das Flores, a que predomina mais descreve que o local, onde hoje é a praça Vicente Moreira, antigamente era um ponto de apoio que abrigava pessoas que vinham de Ruy Barbosa com destino a Brotas de Macaúba. Estas pessoas pernoitavam para descansar e no outro dia prosseguir com a viagem.

A partir deste ponto de parada, as pessoas começaram suas construções de casas, e aos poucos foram se formando ruas e resultando na chegada de várias outras pessoas, que foram ocupando as terras e povoaram as áreas existentes no local. Desta forma foi aumentando cada vez mais a quantidade de pessoas que se estabeleceram em Morro das Flores, formada a partir de povos advindos de outras regiões da Bahia.

A comunidade foi conhecida inicialmente como Morro Preto associado à grande quantidade de pessoas negras existentes no local. Depois passou a ser chamado Morro das Flores pela grande quantidade de mulheres bonitas e flores da costa. As histórias orais contam que inicialmente eram poucas casas distantes umas das outras, grande parte das pessoas vieram da cidade de Bonfim de Feira. Minha avó Maria foi uma dessas pessoas, porém até hoje não temos notícias do restante da família que se espalhou, restando apenas ela.

O acesso à educação é por meio da escola municipal Raquel Falcão que oferece formação no ensino Fundamental I e II. Já para que os jovens cursem o ensino médio precisam se deslocar para a cidade e estudar no colégio estadual ou na Escola Família Agrícola Mãe Jovina (EFAMJ). Muitos estudantes também deixam os estudos, em sua maioria por sentirem a necessidade de trabalhar fora e ajudar nas contas da família. São levados a buscar trabalho nas grandes cidades, mesmo que sejam bem diferentes dos que faziam na terra. Aqui cabe buscarmos compreender o papel da escolarização na projeção de futuro dos jovens, que muitas vezes se sentem obrigados a deixar as localidades do campo para complementar a renda da família, e

muitos projetam seu futuro em cidades maiores. Não é objetivo deste trabalho de conclusão de curso aprofundar estas situações de descolamento, muitas vezes tomadas como o fenômeno denominado de êxodo rural. Mas pondero que os deslocamentos são recorrentemente descritos na vida de diferentes povos do campo. As condições sociais de reprodução física e cultural levam a uma multiplicidade de caminhos para se projetar o futuro. O que este trabalho quer indicar é a importância dos conhecimentos que são construídos comunitariamente e que possibilitem aos jovens vislumbrarem os potenciais de localidades como de Morro das Flores como possibilidade de bem viver, e diminuir o peso que sentem para deixarem suas localidades por falta de perspectivas de futuro. É necessário frisar que os deslocamentos fazem parte da vida dos povos. O que marca um êxodo rural é o abandono da vida do campo, o que se diferencia de quem se desloca para localidades em busca de aumentar a renda familiar e de alguma forma manter uma parte de grupo no campo.

Assim este trabalho, ao abordar a experiência sobre um projeto de implantação de Sistemas Agroflorestais, quer destacar conhecimentos que potencializam a manutenção de condições ambientais e que ao mesmo tempo fortaleçam a produção familiar. Uma parte destes conhecimentos dizem respeito aos conhecimentos sobre a vegetação existente e seu uso comunitário.

Destaco que ao longo da colonização da localidade foram introduzidas espécies em Morro das Flores. Muitas destas espécies são encontradas em abundância nas terras ocupadas pelas famílias. São espécies que se adaptaram ao tipo de solo e condições climáticas do semiárido. Estas espécies se relacionaram com outras que já existiam quando a povoação começou, comumente denominadas de plantas nativas. Esta relação, entre as plantas introduzidas e as que já compunham os ecossistemas locais, nem sempre foram valorizadas pelos órgãos públicos de assistência técnica e as instituições de pesquisa, especialmente em projetos ligados a uma matriz produtiva baseada na revolução verde⁸. Mais recentemente, com a observação de processos de desertificação, que instituições como a EMBRAPA passam a estudar plantas que são valorizadas há muito tempo pelos povos que ocuparam as caatingas.

⁸ Revolução verde trouxe consigo um pacote tecnológico que obrigava os agricultores a comprar cada vez mais e mais fertilizantes químicos, sementes melhoradas e maquinário para produção.

Uma das plantas que foram destacadas é o umbuzeiro, que hoje é beneficiado na produção de doces, geleias, polpas de frutas e é consumido *in natura* na maioria das vezes. Os frutos são comercializados em feiras livres e lanchonetes, tornando-se um meio de obtenção de renda para os/as agricultores/as no período de safra, por possuir um valor comercial.

A região de Morro das Flores dispõe de várias espécies nativas que são utilizadas pelos integrantes da comunidade. Parte destas espécies são usadas como lenha em fogões à lenha, ou base para construções rurais como currais, apriscos, pocilgas, cercas e mesmo em telhados das casas. As plantas mais utilizadas pela comunidade para queimar em fogões à lenha são a Braúna, São João e o Araçá Bravo, sendo extraídos principalmente quando a madeira já se encontra seca, possibilitando o corte dos galhos e tronco com facilidade. O Angico é uma árvore de grande potencial madeireiro, muito utilizada em construções civis, são extraídos seus galhos e troncos. Já o Gonçalo é utilizado em construções rurais na produção de caibres, no qual substituem as ripas adquiridas em casas de construções ou serralheria, sendo uma opção para quem quer gastar pouco na cobertura de construções e instalações rurais.

Como citei acima, nem sempre as instituições que trabalham com assistência técnica se atentaram para os saberes das famílias das comunidades do campo. Estas preservaram conhecimentos que foram passados de geração em geração. Destaco que a religião foi uma forma de valorizar estes conhecimentos, marcando uma relação de respeito e valorização da natureza, e dos recursos que eram utilizados pelas famílias.

A devoção ao Sagrado Coração de Jesus é uma marca religião Católica em Morro das Flores. O 28 de julho é o ápice desta devoção, com a realização de missa, procissão e festa dançante. Outro festejo que está interligado com a religiosidade é realizado no mês de junho, com a Lavagem do Beco no São João e no São Pedro, momento que acontece o forró do velho. As festas religiosas marcam o agradecimento pelas colheitas, pela prosperidade e também são momentos para a realização e pagamento de promessas.

Dentro dos conhecimentos recorrentes repassados de geração em geração está o respeito às fases da lua, tanto na agricultura, quanto no corte do cabelo ou associado às questões de saúde. O aumento de distúrbios psicológicos ou fraturas são atribuídos a fase da lua nova/minguante, momentos que as pessoas devem ter

mais atenção nas atividades que realizam. Com relação à agricultura minha família realiza o plantio e poda das árvores sempre verificando em que fase está a lua. Não podemos fazer estas atividades na lua minguante. De acordo com os conhecimentos empíricos, não deve fazer plantio durante a lua minguante pois as plantações não se desenvolvem, não geram bons frutos, conseqüentemente não tem uma boa produção.

Por muito tempo estes fatores eram ignorados pelos extensionistas, instituições de fomento. As famílias das localidades de Rui Barbosa foram incentivadas a centralizar sua produção em espécies específicas como abacaxi, feijão, milho, mamona. Os projetos de financiamento bancário chegaram a proibir o consórcio de plantas, e muitos também proibiam a relação entre agricultura e pecuária. Não vou aprofundar estas situações, mas o que interessa neste trabalho é assinalar que essa desvalorização da diversidade modificou a paisagem local, pois as plantas nativas foram desvalorizadas por estes projetos. Só mais recentemente que projetos baseados na convivência com o semiárido foram sendo valorizados, e aos poucos somos incentivados a valorizar a diversidade de plantas que existem na caatinga e não apenas as plantas introduzidas pela colonização.

O projeto “Agrofloresta no Sertão” já vem marcado por uma outra concepção de produção, mais próxima dos princípios de convivência com o semiárido. O professor Sérgio Teles foi quem coordenou a implantação deste projeto na época em que eu estudava na Escola Família Agrícola Mãe Jovina. Este projeto realizou uma grande mudança nos arredores de Morro das Flores. A propriedade da Sr.^a Iris ⁹ foi escolhida para a implantação do projeto agroflorestal, no qual as pessoas da comunidade e os sócios da associação Serra Três¹⁰, que se sentissem com interesse poderiam participar dos mutirões e momentos de diálogos.

O projeto Agrofloresta no Sertão buscou apresentar sua relação com os princípios da Agroecologia. Nos encontros iniciais o prof. Sergio começava com uma reflexão sobre os princípios da agroecologia e a importância de manejar os agroecossistemas

9 Dona Íris foi escolhida em primeiro lugar porque é integrante da associação e em segundo lugar a sua área era a mais degradada dentre os sócios e por esse motivo foram contemplados com o projeto.

10 A Associação Serra Três em composta com agricultores/agricultoras que buscam lutar por seus direitos através das políticas públicas e projetos oferecidos para o campo.

com sabedoria e utilizando técnicas que não agridam ou causem danos ao agroecossistema

Nestes encontros iniciais era explicado o passo a passo do que iria ser implantado, focando na área escolhida, que era muito degradada e assim necessitava de muito cuidado no planejamento. A base destes encontros era incentivar os produtores a perceberem a necessidade de mudar algumas técnicas de uso da terra e plantio que haviam sido incorporadas por anos de uma assistência técnica baseada em princípios da revolução verde. Durante muito tempo implantaram em nossas cabeças a ideia de que só dá certo produzir da forma convencional incentivada a partir da revolução verde no qual “para aumentar sua produção e o volume de negócios, os donos da monocultura buscavam o uso de máquinas, agrotóxicos, sementes modificadas e outras tecnologias produzidas pela indústria” (VARGAS E SILVA, ano, p.42).

A aplicação das práticas em campo foi importante para a sensibilização dos vizinhos de Íris, que começaram a ver que era possível plantar sem queimar o solo, sem desmatar áreas que deveriam ser preservadas, e de consorciar plantas de ciclos diferentes. Ao observarem alguns resultados na recuperação da área se mostraram abertos a aprender novas tecnologias.

Durante a implantação do projeto nas comunidades foram feitos encontros formativos, sendo que rodas de conversa eram recorrentemente utilizadas, propiciando maior interação. No primeiro momento do dia e após o almoço eram iniciados os mutirões para organização da área e posteriormente o plantio. É imprescindível lembrar que as áreas escolhidas eram muito degradadas e foi necessário fazer muitos encontros com a comunidade e realizar um trabalho demorado que exigia muita mão de obra e planejamento da área. A comunidade abraçou o projeto com muito gosto, pois apesar de ser algo novo, eles apoiaram desde o início e se dispuseram a enfrentar as dificuldades para que o projeto pudesse acontecer. As trocas de experiências, que ocorreram ao longo da implantação dos SAFs marcaram uma diferença em nossas vidas, e o ambiente de mutirões proporcionou que famílias colocassem em prática aquilo que nas oficinas havia sido proposto. Assim foi possível partilhar novas maneiras de se fazer agricultura, buscando uma reconstrução do agroecossistema, visando uma menor degradação do

meio ambiente simultaneamente a uma produção diversificada para que seja garantida a qualidade de vida das famílias.

O projeto agroflorestal contribuiu para incentivar que as pessoas que participaram das atividades comunicassem suas experiências para os vizinhos. Percebemos que algumas famílias mudaram completamente seu modo de pensar e manejar a terra. Os mutirões passaram a ser considerados um método de aprendizado na qual 'agricultores e agricultoras familiares têm aberto espaço para estas ideias, contribuindo de forma decisiva para a construção de experiências...' (Küster et.al, ano, p. 16)

Além dos produtores da comunidade, os filhos dos associados que estudavam na Escola Família Agrícola Mãe Jovina também participavam dos mutirões e reuniões, como eu mesma e a colega Kelly Assis. Participei ainda de um documentário sobre o projeto "Agrofloresta no Sertão", contando como foi à experiência e qual a sua importância para os jovens, no qual está exibido no YouTube¹¹.

A comunidade possui muitas propriedades que utilizam apenas defensivos naturais e adubos advindos do próprio curral, aprisco e galinheiro. A produção é feita manualmente, desde a limpeza da terra até a colheita, e raramente eram realizados mutirões para organização da área de plantio, as pessoas se sentem muito aliviadas ao consumirem produtos naturais sem interferência de produtos tóxicos.

Como já informei, o projeto foi executado na propriedade rural de dona Iris, mais conhecida por todos como dona Tozinha. Em sua propriedade além da sua moradia também existem outras casas que são de pessoas da sua família - irmãs, sobrinhas, filhos - e com o passar do tempo tem se tornado uma pequena vila familiar. Nos mutirões, se valoriza "o núcleo da família, que oferece a oportunidade de estabelecer relações justas, quando consideram a igualdade no gênero e entre as gerações" (Küster et.al, p. 16)

A propriedade de dona Tozinha se encontra em uma região montanhosa, nas bordas de Morro das Flores. O solo encontrado era muito compactado, completamente descoberto e em algumas áreas não existiam nenhum tipo de

11 cujo link para acesso é o seguinte: <https://www.youtube.com/watch?v=ECN3vNRLSJI>

vegetação, era um terreno muito degradado. Porém, apesar de todos os desafios e dificuldades que seriam encontradas nesta área degrada, Sérgio abraçou a proposta de iniciar os trabalhos ali mesmo.

Cheguei à EFAMJ me apresentando como Biólogo e interessado em desenvolver um trabalho com SAFs e tinha me proposto a conhecer algumas escolas do interior da Bahia porque eu estava querendo desenvolver um trabalho em uma EFA, com enfoque nos sistemas agroflorestais. Então foi assim que comecei o contato com a EFAMJ, liguei e marquei uma ida e fui para lá fazer uma palestra para apresentar a proposta de implantação e manejo de SAFs na escola. Isso foi em meados de setembro a outubro de 2013 e tive uma recepção boa, com a Associação dos Trabalhadores de Ruy Barbosa (ATARB) também, e eles me solicitaram que eu escrevesse um projeto e daí escrevi esse projeto e apresentei em dezembro de 2013. Em 2014 comecei de uma maneira meio experimental, mas como trabalhador da ATARB e comecei trabalhando dois dias da semana, segunda e terça e na quarta eu retornava para a minha cidade. Fiquei o ano de 2014 todo trabalhando só com o projeto e em junho de 2014 conseguimos aprovar um projeto com recursos, um valor bom e aí no ano de 2015 eu decidi me mudar para Ruy Barbosa para poder executar o projeto melhor e me tornei monitor da escola por conta que eu comecei a trabalhar em regime integral na EFA. A relação que eu tinha era de acreditar que a EFAMJ, pelo formato da pedagogia da alternância, pelo caráter de internato dos jovens estarem lá e serem grande parte deles oriundos do campo, e ter essa possibilidade de realizar atividade prática além de ter um estudo teórico de assuntos ligados a agropecuária, mas de principalmente realizar atividade prática. Isso ai tudo me fez sempre acreditar no potencial que as EFAs têm para a construção da agroecologia no semiárido, para tudo aquilo que se fala do semiárido para a construção da convivência com o semiárido, de recuperação das áreas degradadas no semiárido e de viabilização da agricultura familiar no semiárido num contexto de muitas dificuldades climáticas e sociais. Então o meu movimento foi isso uma aposta e um reconhecimento mesmo do potencial que essas escolas têm de fornecer uma educação diferenciada e que pode mudar a realidade e melhorar a realidade das famílias dos jovens e da sociedade como um todo na região semiárida. (ENTREVISTA COM SERGIO BERNARDES SÁ TELES, 37 ANOS. Entrevista realizada em maio de 2021)¹²

A aproximação de Sérgio da EFA aconteceu por meio do seu desejo de desenvolver um projeto sobre SAFs no semiárido. A proposta foi apresentada para a coordenação da EFA Mãe Jovina, que logo se interessou e Sérgio teve a oportunidade de escrever e desenvolver o projeto, que possibilitou incluir na equipe de execução os educandos da escola. Sérgio era bem entusiasmado com os sistemas agroflorestais e acreditava em seu potencial de transformar uma área degradada, bem como o seu potencial educativo. Esse entusiasmo e sua certeza na força do SAF, foram importantes para contagiar toda equipe, como vimos nos relatos anteriores. Sérgio também percebia o potencial do projeto de educação contextualizada da EFA e que a implantação do SAF representaria uma qualidade adicional na formação dos/das

¹² Mora em Ilhéus, natural de BH, Minas Gerais.

educandos/educandas. A implantação do sistema agroflorestal em área degradadas possibilitaria a construção de conhecimentos voltados para a construção de uma sociedade ambientalmente mais adequada.

O Projeto Agrofloresta no Sertão foi desenvolvido junto aos jovens da Escola Família Agrícola Mãe Jovina, em Ruy Barbosa, no semiárido baiano, entre 2014 e 2017, com o objetivo de qualificar, fortalecer e expandir os trabalhos de Convivência com o Semiárido, através da construção do conhecimento agroecológico e da implantação de SAFs adaptados às condições climáticas locais. Com este trabalho, buscou-se também identificar espécies vegetais úteis, além de estratégias para o desenho, planejamento, implantação e manejo dos SAFs. As áreas de experimentação escolhidas na escola apresentavam pouca ou nenhuma cobertura vegetal no início dos trabalhos, de modo que foi possível acompanhar desde o princípio o processo de regeneração dos solos e da vegetação. Na primeira área de experimentação na EFA Mãe Jovina o solo estava compactado e tinha ausência de vegetação. Embora os desenhos tenham variado ao longo dos três anos, as agroflorestas implantadas obedeceram ao seguinte esquema geral: linhas de árvores em canteiros a cada 4m ou 5m consorciadas com palma, andu e plantas rasteiras de ciclo curto; canteiros destinados à produção diversificada de alimentos e/ou forragem nas entrelinhas das árvores. Em função de sua rusticidade e rápido crescimento, inicialmente foram adotadas a gliricídia (*Gliricidia sepium*) e a leucena (*Leucena leucocephala*) como elementos arbóreos preponderantes. Além de cumprirem a função primordial de produção de matéria orgânica já no primeiro ano, estas espécies apresentam múltiplas aptidões, sendo ambas leguminosas fixadoras de nitrogênio, melíferas e forrageiras. Neste primeiro experimento, foram estabelecidas linhas de palma forrageira (*Opuntia ficus*), plantadas em sulco e em nível, consorciadas com gliricídia, leucena e fruteiras nativas (cajá, umbu, seriguela) e adaptadas (acerola, pinha, limão, graviola), formando-se canteiros justapostos às árvores e nas suas entrelinhas, destinados à produção de culturas anuais (melancia, abóbora, milho, feijões) e semi perenes (sorgo, andu e abacaxi). Em 2016, foi adotado um desenho mais detalhado e um espaçamento mais preciso, de modo que se pudesse incrementar a diversidade e funcionalidade ecológica dos sistemas e sua produção de biomassa e estratificação vegetal, delimitando com mais precisão os espaços destinados à produção de alimentos. (Sá Teles, 2017)

As narrativas já analisadas descreveram como a implantação do projeto na área da escola Mãe Jovina foi bem-sucedida. Todas as etapas foram bem acompanhadas e o empenho tanto de Sérgio, como da equipe, além do envolvimento de outros educandos, monitores e professores, são fatores que colaboraram para os resultados. A infraestrutura da EFA contribuiu bastante. Porém a implantação nas localidades não teve o mesmo resultado, como o que ocorreu com a Associação Serra Três.

Apesar dos esforços dos trabalhos realizados, avaliamos que o comprometimento das famílias na localidade onde foi implantado o SAF não foi tão sistemático como ocorreu na EFA. A escassez hídrica e as temperaturas elevadas também levaram a perda de mudas.

A Escola Família Agrícola Mãe Jovina é uma escola diferenciada, uma escola muito boa. Em relação a educação ela se destaca por ser uma escola da zona rural, é uma escola que visa a formação da turma de filhos de agricultores, e eu sou uma delas, trabalho na agricultura e apicultura, amo o que faz o trabalho de apicultura. A escola na minha visão em termos de educação ela tem uma disciplina muito boa, muito educativa e leva os alunos a enxergar uma vida melhor na educação e formação. A escola Família Agrícola não tem só a visão para os alunos aprenderem a ler e escrever, ela também tem a visão de cuidar do meio ambiente e da natureza, preservar a natureza e ensinar os alunos que devemos cuidar do nosso planeta Terra. A escola implantou um projeto chamado Agrofloresta no sertão, e esse projeto foi um projeto muito bom além de ser um projeto educativo que ensina os alunos a cuidar do meio ambiente e hoje esse projeto faz a diferença na escola então é um projeto maravilhoso e tem o objetivo de que cada aluno possa implantar a Agrofloresta nas suas propriedades. E estamos precisando muito ampliar projetos como esse. O projeto foi implantado na comunidade a partir de muita luta, porém deixou a desejar pois deveria ter sido implantado em outra área, porém a beneficiada estava necessitando por conta do solo estar degradado. (ENTREVISTA COM ALCIONE SANTOS DE ASSIS, 44 ANOS. Entrevista realizada em maio de 2021)¹³

Os pais confiam que a EFA sejam um bom espaço de formação e procuram matricular seus/suas filhos/filhas na escola. A fama do potencial e valorização da EFA como espaço educativo diferenciado decorre do impacto que a educação contextualizada e em regime de alternância tem nas comunidades. Diferente de outras escolas, a EFA articula escola-família-comunidade no processo de construção do conhecimento, valorizando os conhecimentos científicos e popular.

Assim Alcione já é acostumada com o desenvolvimento de atividades propostas pela EFA em Serra Três. Nem sempre as experiências dão o resultado que era esperado, ou mesmo os resultados que foram alcançados nas atividades realizadas na própria EFA. No caso da implantação dos SAFs Alcione ponderou sobre a área de implantação do projeto em Serra Três, que era bem degradada. Inicialmente o projeto seria implantado no terreno de Helio, meu pai, porém como o solo de Iris estava muito degradado definimos por mudar a área de implantação. Mesmo com o empenho de Sérgio e dos associados não conseguiram motivar a família de Íres, que não demonstrou tanto interesse. Como nos relatos dos educandos nos mostraram, no início era mesmo difícil acreditar na recuperação da área degradada. Talvez por ser

13 Mora na Serra III e na cidade de Ruy Barbosa

algo novo a família de Iris não acreditou na transformação da área. Sérgio preparou um processo de formação, trazendo discussão teórica e relato de experiências existentes. Mesmo assim não foi suficiente para motivar um coletivo maior para realizar os manejos cotidianos.

O trabalho na área não conseguiu reproduzir as mudanças conseguidas na recuperação da área da escola. Mesmo com a percepção que a experiência não deu certo, ela serviu de aprendizado para que nas próximas experiências adotemos outros caminhos, refletindo quais os erros cometidos, para que não sejam repetidos. Um destes desafios é como fazer com que as pessoas acreditem e sejam comprometidas com a proposta, e que se preparem para superar os desafios postos na caminhada.

O projeto foi muito maravilhoso pois teve os conhecimentos e as amizades. Sabe teve desenvolvimento mais achei que a área lá tinha a Terra muito degradada, precisava de muito adubo para poder dar continuidade para desenvolver as plantas e quanto mais a terra não tem adubação, mas a terra fica fraca. Eu acho que no mutirão o povo no início ajudou e depois, no início o povo já começa indo, mas depois o povo começa a ver que a área não tem muito desenvolvimento e começa ficando devagar. Uma mudança que eu vejo é que precisava plantar mais outras plantas. Também para desenvolver tem o problema da falta de água pois não se faz nada sem ela, não existe desenvolvimento das plantas se não tiver água em abundância e bastante adubação. No projeto aprendi novas técnicas que eu não sabia, e pude presenciar outras que eu já praticava na minha propriedade. Vejo que faltou cooperação de algumas pessoas da família na hora das atividades, muitas vezes as pessoas sumiam e a equipe ficava com poucas pessoas e o trabalho não desenvolvia. (ENTREVISTA COM HELIO FONSECA SILVA, 59 ANOS, realizada em junho de 2021)¹⁴

O agricultor Helio, meu pai, traz como destaque a sua satisfação de participar de um projeto através da parceria entre escola e associação. Ele foi um dos fundadores da Associação Serra Três e sempre buscou melhorias para a comunidade juntamente com os/as outros/outras associados/associadas. Participar de um projeto como esse possibilitou abrir novos horizontes para Hélio, novos caminhos de praticar uma agricultura de base ecológica. O projeto também valorizou e propiciou o aprimoramento de práticas já utilizadas no cotidiano. Ele é muito curioso e busca sempre estar inovando o desenho do agroecossistema. Mesmo com pouco estudo escolar Hélio experimenta na nossa propriedade familiar novas técnicas e sempre acompanhou minhas atividades. Nossa propriedade supera muitas outras, mesmo de pessoas letradas. O saber popular construído de geração em geração na nossa família permitiu a Hélio entender o ecossistema, saber como manejá-lo e conviver nele em sintonia com as plantas e os animais. E Hélio, mesmo com todo conhecimento que

14 Pertence a comunidade de Morro das Flores, município de Ruy Barbosa

carrega, se permite aprender. Bem eu sou um pouco suspeita, mas tenho acompanhado sua dedicação.

O solo escolhido para implantação do SAF, da família de Íris, era muito degradado, sem presença de atividade biológica, sem vegetação e muito compactado. Para que as atividades começassem foi necessário muito trabalho manual para descompactar o solo e em algumas vezes utilizou-se do mini trator para essa função. A terra era muito pobre e endurecida por conta de a área ser toda desmatada e em declive. Quando chovia o material orgânico era arrastado junto com os nutrientes e cada vez mais o solo se empobrecia.

O desânimo da família de Íris acabou afetando outras famílias da comunidade, desestimulando a realização de mutirões. Acabamos colocando energia em atividades que nos proporcionam mais motivação. Fico pensando no que poderia ter sido, quais os aprendizados teriam sido proporcionados durante o processo, se tivesse continuado e hoje a área já estaria recuperada e produtiva.

E apesar dos altos e baixos o projeto também contribuiu significativamente para a união das famílias no trabalho coletivo durante os mutirões, momentos de diálogos e trocas de saberes, as pessoas puderam aprender novas práticas agroecológicas e a família de Íris teve uma área beneficiada com muitas espécies diferentes que permanecem no local até hoje, como a gliricídia.

Dentre os aprendizados do projeto, talvez o mais difícil seja reconhecer os nossos erros e buscar superá-los. Quando se trata do trabalho coletivo a nossa união nos impulsiona para frente em busca de um caminho que seja favorável para todos nós, tendo em vista que o planejamento e a execução são pilares importantíssimos para o sucesso do projeto. Mas trabalhar coletivamente não é fácil, e a implantação nos SAFs nas comunidades não obteve o mesmo êxito como na área da EFA. Essa situação nos provoca a pensar mais detalhadamente o processo educativo, e formas de motivar os grupos a acreditar e se engajar na proposta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É necessário lembrar que a implantação dos SAFs foi relevante para a minha vida, pois propiciou a construção de conhecimentos, conhecimentos científicos dialogando com conhecimento populares.

Ao analisar as narrativas sobre a implantação dos SAFs, tanto na escola quanto na localidade de Morro das Flores/Serra Três, fica destacado que a impressão geral é que a área da escola atingiu melhor os objetivos propostos pelo projeto Agrofloresta no Sertão.

Na escola as narrativas destacam a completa recuperação da área que antes era altamente degradada. Já na área da família da agricultora Íris a recuperação não foi como a da escola, apesar de algumas plantas terem vingado, mostrando que o espaço foi parcialmente recuperado.

Para além desta constatação, podemos afirmar que o projeto cumpriu com a função de formação dos educandos da EFA Mãe Jovina. A preparação teórica nos serões, complementada pelas atividades práticas na área degradada nos proporcionou aprendizados que nos impactaram. Num primeiro momento havia certo descredito que aquelas técnicas poderiam realmente provocar a transformação de uma área altamente degradada em uma área com produção diversificada. A cada serão que se realizava neste tema, pós atividades práticas, podíamos trocar reflexões sobre o andamento da implantação do sistema, bem como debater quais seriam as próximas ações a serem realizadas. Essa dinâmica foi relevante para a minha vida, pois propiciou a construção de conhecimentos, interligando os conhecimentos acadêmicos em diálogo com os conhecimentos práticos. Também nestes serões podíamos trazer as experiências que possuímos, como o conhecimento das plantas utilizadas pelas famílias, a escolha de sementes e mudas mais adequadas, as formas de realização das podas.

É importante lembrar que o presente trabalho está interligado a minha trajetória de vida no campo, e todos os processos educativos de aprendizagem de cunho formal (escola) e não escolar (família/comunidade). Tanto eu, como meus colegas, que foram interlocutores nesta pesquisa, pudemos aprimorar conhecimentos. Se no início do projeto existiram dúvidas e questionamentos de como seria a implantação dessa Agrofloresta e se realmente ela daria certo na escola, com a dedicação do grupo fomos fazendo novas descobertas e na prática vendo que realmente os princípios da agroecologia nos orientam na construção de agroecossistema mais equilibrados,

social, econômica e ambientalmente. Até as dificuldades enfrentadas ao longo do processo fizeram parte do aprendizado, e os resultados superaram as nossas expectativas, tanto no que se diz sobre a recuperação da área, quanto do processo educativo vivenciado. Hoje, como educadora do campo, estou atenta às ferramentas pedagógicas que possibilitam um diálogo mais horizontal entre saberes. E o projeto Agrofloresta no Sertão propiciou esse ambiente na EFA.

Porém a experiência de implantação dos SAFs nas comunidades não obteve o mesmo resultado. Passados algum tempo, e com a experiência que tenho ao acessar debates sobre a educação do campo, percebo que deveríamos ter investido mais num diálogo com a comunidade. A própria escolha do local não devia ter se baseado no fator da área mais degradada. Deveríamos ter levando em consideração outros fatores, como o interesse da família que iria dispor de uma área a ser recuperada pela implantação do SAF. Outra questão diz às condições para a implantação do sistema agroflorestal em um contexto comunitário, que difere de uma área experimental dentro de uma escola família agrícola. A quantidade de pessoas disponíveis cotidianamente para zelar da área e fazer os devidos acompanhamentos, bem como as condições estruturais de acesso a água e tempo disponível para a realização de manejo, para além das atividades de mutirão, deveriam ser replanejados.

Outra questão é o próprio processo de formação das famílias envolvidas na implantação do projeto em cada localidade. Numa escola o ambiente de formação é preponderante, e os serões, como já foi dito, cumpriu uma parte importante de apresentação de teorias e depois de reflexão das práticas executadas. Mas Sérgio, tanto como coordenador do projeto e como monitor, tinha os elementos para comandar os processos de implantação na área da escola.

Nas localidades as oficinas foram planejadas para cumprir algo parecido com o papel que os serões tiveram para os estudantes na EFA. Porém uma oficina, nos moldes de uma sala de aula na comunidade, se distância de como os conhecimentos são reproduzidos no dia a dia de uma família do campo. Mesmo com a execução das oficinas, devíamos ter buscado outros espaços educativos, mais próximos dos espaços na qual os conhecimentos são partilhados em uma família. Espaços domésticos como a cozinha, ou espaços sociais como a igreja, espaços de produção como o quintal ou a roça, ou mesmo em uma caminhada, são locais onde podemos partilhar saberes, dúvidas, trocar ideias, que em uma oficina não conseguem fluir mais espontaneamente.

Outro aprendizado, fundamental para a implantação dos SAFs, são a realização das próprias práticas de manejo. Os mutirões tinham este enfoque, mas como dependiam de cada fase de implantação do sistema, algumas técnicas foram pouco exploradas. Penso que poderíamos ter diversificado as áreas de treinamento, muitas vezes treinando nos quintais, principalmente as técnicas de poda e a incorporação de matéria orgânica no solo.

Penso que se as pessoas da comunidade estivessem se apropriado mais das técnicas e dos princípios do manejo, se uma pessoa ao menos da família de Íris tivesse se apropriado dos conhecimentos e tivesse se entusiasmado com a proposta, poderia ter feito o papel que Sérgio teve na EFA, o de grande motivador e articulador da implantação do SAF. Por vezes ficamos tão preocupados com os conteúdos e com a técnica em si, mas esquecemos do quanto é importante criar um clima de motivação e confiança no trabalho que está sendo realizado.

A incorporação das atividades de manejo de um sistema agroflorestal no dia a dia de uma unidade familiar pode acarretar, pelo menos inicialmente, mais horas de trabalho. Perceber a importância de criar uma nova rotina, que se incorpora a outros trabalhos, cria uma reorganização no trabalho familiar e comunitário. Trabalhos estes que são definidos dentro de uma forma de perceber e organizar as tarefas da família, com respeito a hierarquias que são construídas de acordo com padrões e situações específicas. Assim ao refletir sobre este projeto, percebi que devemos estar atentos a como os trabalhos já são divididos pela família, se há regras que diferenciam os gêneros, qual a disponibilidade dos jovens, quantas pessoas dividem as tarefas de trabalho e que tipo de trabalho são desempenhados por cada um e como cada um pode incorporar mais atividades em suas rotinas.

No período pandêmico tive que alterar algumas ações durante a execução do projeto, principalmente no que diz respeito à interlocução com as pessoas, pois antes objetivava entrevistar discentes e docentes da Escola Família Agrícola Mãe Jovina. Com o isolamento social, a interrupção do ensino presencial, percebi que os docentes teriam menos disponibilidade de tempo para os diálogos. Resolvi entrevistar pessoas inseridas nas comunidades que participaram do projeto. Durante a pesquisa também tive dificuldades com transporte e deslocamento, pois minha residência é na localidade de Morro das Flores e tinha que me deslocar para a localidade circunvizinha da família que participou do projeto. Como não tenho nenhum transporte próprio e na

comunidade ninguém tinha disponibilidade para me levar, tive que esperar uma oportunidade para fazer a visita.

Dificuldades também na orientação e na escrita da monografia, pois além das nossas agendas estarem lotadas, minha e de meu orientador, tive dificuldade de conectividade e por muitas vezes tivemos que adiar encontros porque a internet não estava funcionando dificultando o processo de escrita.

Também por conta do período da pandemia ocasionada pelo coronavírus SARS-CoV-2, fiz algumas mudanças e adaptações nas entrevistas. Algumas ocorreram presencialmente e outras por meio remoto através do aplicativo de mensagens instantâneas WhatsApp através da troca de áudios. Sabemos que não é fácil fazer entrevistas por meio remoto, é muito melhor pessoalmente, cara a cara e olho no olho, porém a pandemia nos obrigou a adotar algumas medidas para que pudéssemos nos prevenir e ter esse cuidado com os nossos interlocutores.

Durante a construção deste trabalho, houve momentos em que foram muito difíceis para mim. Após as eleições municipais do ano de 2020 fui infectada, juntamente com minha família, pelo vírus SARS-CoV-2 e no início do ano de 2022 sofremos reinfecção. Também tive reações fortes após a terceira dose da vacina contra o referente vírus, que me deixaram uns dias afastadas da escrita. Ainda tive que enfrentar dificuldades com meus aparelhos eletrônicos, o meu computador deu defeito três vezes no início do ano de 2022, meu celular deu pane e eu não conseguia trabalhar no meu texto por conta disso. Sem condições financeiras de comprar novos aparelhos para que eu pudesse estar editando e fazendo a construção do texto. Estas adversidades me trouxeram mais à tona a condição de mulher, preta, pobre e de comunidade periférica. Neste momento me senti tão desestimulada que cogitei a possibilidade de desistir do curso e procurar emprego. Sem suporte técnico para os aparelhos eletrônicos, como que eu poderia estar construindo o meu trabalho? Estava limitada a um celular sem memória suficiente, com uma tela minúscula e travando tanto a ponto de não conseguir fazer uma ligação. Se ensino remoto foi favorável para algumas pessoas, não foi a minha experiência. Como negra, com pertencimento ao campo, a desigualdade só aumentou de tamanho.

Assim, no decorrer deste trabalho de pesquisa novas questões foram surgindo, que levariam a uma nova rodada de entrevistas. Saber melhor das condições da família que recebeu o projeto e estar mais atenta a como outras pessoas da comunidade incorporaram ou não as técnicas de manejo que foram executadas.

Já no trabalho de formação na EFA, abordar mais questões relacionadas a extensão rural, às formas de comunicar um conhecimento que busquem dialogar melhor com as experiências de cada pessoa que participou das atividades na comunidade. Nos preparar melhor para este diálogo entre técnicos e agricultores, sendo que muitas vezes estes agricultores são gente da nossa própria família.

Também sinto mais interesse em pesquisar os arquivos da escola na busca dos documentos relacionados ao projeto. Queria encontrar desde a proposta original, bem como os desenhos dos agroecossistemas, como os relatórios e as reformulações que foram sendo realizadas. Também gostaria de indagar mais ao Sérgio as referências que ele tinha e como, depois do projeto ele percebe a implementação dos sistemas agroflorestais. O que ele faria diferente?

Mas o tempo não permitiu este aprofundamento. Quem sabe em outra pesquisa, numa pós-graduação, quem sabe em um mestrado. Mas isso já é um outro desafio.

REFERÊNCIAS

ALTIERI, Miguel. **Agroecologia: bases científicas para uma agricultura sustentável**. 3ª edição. São Paulo, Rio de Janeiro. Expressão Popular, 2012.

ANA. **I Encontro Nacional de Agroecologia**. Disponível em: <https://enagroecologia.org.br/i-ena/#Historico> Acesso em: julho de 2022.

CALDART, Roseli Salete. **Educação do Campo. Dicionário da Educação do Campo**. / Organizado por Roseli Salete Caldart, Isabel Brasil Pereira, Paulo Alentejano e Gaudêncio Frigotto. – Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

COSTA, Tiago Pereira da; SILVA, Aurivan Santana da; (org.). **Anais do I Workshop Nacional sobre Agroka'atinga no Semiárido Brasileiro: Agricultura Resiliente às Mudanças Climáticas**. Juazeiro, Bahia, Brasil: Rede das Escolas Famílias Agrícolas Integradas do Semiárido- REFAISA. 2021. 152 p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 57ª ed. Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, 2018.

PENEIREIRO, Fabiana Mongeli **Sistemas agroflorestais dirigidos pela sucessão natural: um estudo de caso**. Dissertação de Mestrado Piracicaba: ESALQ, 1999

PEREIRA, Benjamim; SILVA, Maciel da. **Agroka'atingando no Semiárido**. Boletim Técnico e Educativo, 3ª Edição, março de 2021. Disponível em: http://www.refaisa.org/arquivos/publicacoes/BOLETIM_AGROKAATINGANDO_ED_003.pdf Acesso: fevereiro de 2022.

REFAISA. **Projeto SAF EDU EFA**. Disponível em: <https://refaisa.org/projetos/saf-edu-efa/> Acesso: março de 2022.

SEVILLA-GUZMÁN, Eduardo. “A perspectiva Sociológica em Agroecologia: uma sistematização de seus métodos e técnicas” in **Agricultura e Desenvolvimento Rural Sustentável**. Porto Alegre, 2002 Vol 3, nº1 Pg 18-28

SILVA, Maciel Nascimento da. Sistema Agroflorestal Belo Encanto: Firmando Raízes em Território Quilombola. In: COSTA, Tiago Pereira da; SILVA, Aurivan Santana da; (org.). **Anais do I Workshop Nacional sobre Agroka'atinga no Semiárido Brasileiro: Agricultura Resiliente às Mudanças Climáticas**. Juazeiro, Bahia, Brasil: Rede das Escolas Famílias Agrícolas Integradas do Semiárido- REFAISA. 2021. 152 p.

TELES, Sérgio Bernardes Sá. **Espécies úteis e desenho de sistemas agroflorestais biodiversos no semiárido baiano: a experiência da EFA Mãe Jovina**. v. 13 n. 1 (2018): Anais do VI Congresso Latino-americano de Agroecologia; X Congresso Brasileiro de Agroecologia; V Seminário de Agroecologia do Distrito Federal e Entorno; 12 a 15 de setembro de 2017, Brasília/DF. Disponível em: <https://cadernos.aba-agroecologia.org.br/cadernos/issue/view/1> Acesso em: fevereiro de 2022.

VARGAS, Maria Cristina; SILVA, Nívia Regina da. **De onde vem nossa comida.** 2ª ed. São Paulo. Expressão Popular, 2016. 80 p.: il.

APÊNDICES

FOTOGRAFIA 1: Apresentação Do SAFs na Feira de Conhecimentos



Fonte: Arquivo pessoal.

FOTOGRAFIA 2: Poda das árvores nativas do espaço



Fonte: Arquivo pessoal.

FOTOGRAFIA 3: Visita na área da família beneficiada



Fonte: Arquivo pessoal.

FOTOGRAFIA 4: Visita na casa da família beneficiada



Fonte: Arquivo pessoal.

FOTOGRAFIA 5: Situação atual dos SAFS



Fonte: Arquivo pessoal.

FOTOGRAFIA 6: Biodiversidade nos SAFS



Fonte: Arquivo pessoal.

ROTEIRO ORIENTADOR PARA ENTREVISTAS

PARTE 1: Apresentação sintética do TCC

- Contar para o interlocutor suas motivações de pesquisa, o porquê escolheu fazer um trabalho sobre o projeto de agrofloresta e suas principais objetivos/ questões/ interesses;
- Contar para ele por que escolheu ele como interlocutor.

PARTE 2: **CARACTERIZAÇÃO DO INTERLOCUTOR**

- Nome completo, idade, comunidade de referência, indicar a relação com a EFA (professor, monitor, estudante, egresso, comunidade beneficiada);
- Contar um pouco sobre a relação com a EFA – trajetória do interlocutor;
- Contar um pouco a relação do interlocutor com você.

PARTE 3: **O projeto Agrofloresta no Sertão**

- Como foi a participação do interlocutor nas atividades relacionadas ao projeto?
- Destaques que o interlocutor faz do projeto?
- Principais dificuldades que o interlocutor percebeu através de sua participação?

PARTE 4: **A relação da EFA e a Comunidade na execução do projeto**

- Como o interlocutor percebeu o envolvimento das comunidades nas ações do projeto?
- Quais os principais desafios?
- O projeto propiciou mudanças na comunidade?
- O projeto propiciou mudanças na vida do interlocutor?

PARTE 5: **A execução do projeto pela EFA**

- Como o projeto foi construído?
- Quem participou desta construção?
- O projeto propiciou mudanças na EFA?
- Como o interlocutor percebe o desenvolvimento da área projeto?

AGRO (FLORESTAR) É ARTE

Este trabalho de pesquisa
Tem a função de divulgar
O projeto Agrofloresta no Sertão
Que foi possível implantar
Na Escola Agrícola Mãe Jovina
Um bom lugar pra se estudar

A Educação do Campo
Tem o intuito de ofertar
Educação de qualidade
Pro jovem poder estudar
Contextualizando e instigando
Pra que a educação possa nos libertar

Esta pesquisa busca analisar
As práticas educativas utilizadas
Durante o projeto Agrofloresta no Sertão
Refletindo as categorias abordadas
E problematizando as discussões
Por educandos e comunidade destacadas

Por meio de narrativas
Esse trabalho surgiu
Trazendo as percepções dos interlocutores
Que junto com referências se uniu
Destaco a importância
Do diálogo de saberes no Brasil

Vamos começar nossa prosa
Em poucas linhas vou lhe situar
Este trabalho tem dois capítulos
Se atente que vou explicar
No primeiro trago minha trajetória

E no segundo sobre Agroflorestar

Falando da minha trajetória
É necessário frisar
Sou Tainara Fonseca
Preste atenção que vou destacar
Sou preta, vegana, agricultora e professora
Me orgulho em falar

Sou uma jovem mulher do campo
E nordestina arretada
Defendo a Agroecologia
Junto com a moçada
Meu foco é ver o povo contente
E festejando nas calçadas

Desde a infância na roça
Cresci vendo o povo plantar
Buscando alimento saudável
Sem precisar degradar
O nosso ambiente sagrado
Por isso aprendi respeitar

Os saberes do meu povo
É meu dever resgatar
Não posso aceitar que se percam
Vendo nossa história se apagar
É preciso que disseminamos
Pra os conhecimentos espalhar

Fui observando os meus pais
Cuidando do solo e cultivando
Eu fui aprendendo ao olhar
Experimentando e aprimorando

Diálogo e observação
Foram se entrelaçando

A qualidade do solo
Sempre foi uma preocupação
Fazíamos rotação de culturas
Diversificando a plantação
Com plantio consorciado
Sem desgastar nosso chão

Sem frequentar o meio acadêmico
A comunidade possui o saber popular
Passado de geração a geração
Com as formas de cultivar
Utilizando técnicas adequadas
Pra plantação frutificar

Eu venho da escola pública
Sou filha da alternância
Eterna estudante da EFA
Defendo a militância
Pois a educação é a chave
Pra romper a ignorância

Por ter afinidade com a terra
Um sonho pude realizar
Ingressei na Escola Agrícola
Consegui me superar
Aprendendo no dia a dia
Pude me profissionalizar

A EFA é fundamental
Na vida do jovem agricultor
Entrelaçando teoria e prática

E valorizando o saber popular
O jovem se torna protagonista
E pode sua história mudar

Além dos conhecimentos em sala
Na EFA pude aprender
A conviver em conjunto
Respeitar e acolher
Sem distinção e julgamentos
Vivendo em comunhão

No final do curso da EFA
Ingressei na Universidade
Curso de Educação do Campo
Uma grande novidade
Educação em alternância
Saber acadêmico e popular

Um curso inovador
Formar educador militante
Pra retornar ao seu meio
Fazendo um trabalho importante
Levando educação contextualizada
E rompendo o modelo dominante

São vivências para além
Dos componentes estudar
Em espaços informais
Podemos dialogar
E assim se concretiza
A educação Popular

Já no segundo capítulo
Lhe digo o que vou abordar

As percepções dos interlocutores
Conhecimentos ao projeto implantar
Agrofloresta no Sertão
Com Sérgio Bernardes Sá

A caatinga é um bioma brasileiro
Sua vegetação é adaptada
Por ser um clima semiárido
É resistente e danada
Resistindo a seca constante
O desmatamento e queimada

O povo precisa acordar
E lutar por igualdade
Buscar por políticas públicas
Quebrando as cercas da maldade
Que o latifúndio impõe
Na nossa sociedade

Diante da conjuntura atual
Que estamos vivenciando
Lutando em tempos difíceis
Vendo as coisas piorando
Precisamos unir forças
Pra romper esse projeto insano

E por meio da agroecologia
Implantamos os sistemas agroflorestais
Que é uma forma de produzir
Sem agredir plantas e animais
Convivendo em harmonia
E lutando pelos mesmos ideais

O sistema agroflorestal
Garante segurança alimentar
E com a comercialização
Fortalecemos a produção
Movimentando a economia
E gerando renda familiar

São princípios da agroecologia
Desenvolver sistemas agroflorestais
Observando os ecossistemas
Combinando espécies vegetais
Do pequeno ao grande porte
Com plantas anuais e medicinais

Sobre a implantação na EFA
O projeto foi promissor
Trouxe infinitas possibilidades
Foi tudo feito com fervor
Construindo a esperança
No nosso sertão sonhador

Sua implantação e manejo
Aconteceram em três anos
Foi aprovado em edital
Abraçado pelos educandos
Que começaram entender
Ser necessário ambientes restaurados

No momento dos serões
É que Sérgio nos trazia
Rodas de bate papos
Slides e fotografia

Nos instigando a pensar
No papel da Agroecologia

Por ser uma novidade
Causou dúvidas e estranheza
Não sabíamos sobre o tema
Se tornando uma riqueza
Saber como agroflorestar
É uma grande beleza

Temos outras experiências
De outras EFAs no Nordeste
Eu trago o AGROKA'ATINGA
Um novo conceito potente
Na EFA de Sobradinho
Conheci pessoalmente

E sobre a implantação
Na propriedade de Iris
Mulher de fibra e garra
Planta e cria animais
Trabalhando em sua terra
E ainda ajuda aos demais

Esse projeto buscou
Apresentar sua relação
Com a agroecologia
Nos encontros em união
Mostrando a comunidade
O valor dessa ação

Nos encontros se incentivava
Aos agricultores perceberem
O impacto das velhas técnicas

Implicando as plantas crescerem
Trazendo novos exemplos
Para eles conhecerem

As trocas de experiências
Durante a implantação
Fortaleceram as práticas
De cultivo no Sertão
Com mutirões semanais
Fortalecendo a associação

Houveram diferentes resultados
Durante a implantação
Entre a escola e comunidade
Na primeira houve maior produção
Nos fazendo refletir
Sobre as formas de motivação

Vou começar concluir
A minha apresentação
Dando enfoque a alguns pontos
Trazidos na discussão
Prometo ser bem direta
Na minha ponderação

Começo com os desafios
De chegar até aqui
Foram muitos dias de luta
Isso eu posso garantir
Lhe digo que em alguns momentos
Eu pensei em desistir

Resisti no meu percurso
E hoje estou a apresentar

Meu projeto de pesquisa
O qual devo me orgulhar
Foi custoso terminá-lo
Lutei até chegar lá

A pandemia foi a pior
Coisa que aconteceu
Fechou nossa Universidade
A orientação presencial não aconteceu
E a internet foi inimiga
Por muitas vezes desapareceu

E apesar das dificuldades
Me sinto muito satisfeita
Em apresentar essa pesquisa
Motivo de muita luta
Dando voz aos interlocutores
Através da minha escuta.